

AUTORES & LIVROS

5-12-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 14
Vol. IX

O PLANO DE "AUTORES & LIVROS"

O plano que desde o primeiro momento (1941) traçamos para AUTORES & LIVROS, foi o de uma ampla história da literatura brasileira. Na primeira fase, esse plano ficou executado um pouco sem sistematização, iniciando a publicação com Fagundes Varela, realizamos a nossa história literária por grupos de escritores; a sistematização era dada, porém, merece do minucioso índice geral, que fazímos acompanhar cada volume.

Iniciando de novo a publicação, em junho deste ano, deliberamos sistematizar de maneira perfeita a nossa História da Literatura. Assim foi que, arrostando embora os graves inconvenientes de apresentar em nossas páginas autores inteiramente desconhecidos à maioria dos leitores, refluímos neste volume: nos origens de nossa história, quase podemos dizer: traçamos o quadro de nossa pre-história literária.

Por um lado — o lado do interesse imediato no espírito do leitor, o qual desejaria, é claro, um contacto com autores mais ajuustivos, mais brilhantes ou mais atraentes — a orientação que tomamos não era acaso propícia ao êxito material da publicação. Contudo, esse aspecto ficou compensado pelas outras seções que damos em nosso jornal: a Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, que hoje já consta de uma galeria de milhares de oitenta autores, entre prosaadores e poetas; a Página dos Autores Novos, em que já fizemos ao país a apresentação de trinta e cinco estreantes; além de outras seções habituais.

Se, pois, por um lado, o nosso plano apresentava aquêle inconveniente, por outro lado — o lado propriamente do estudo, o lado da construção histórica — apresentava vantagem incontestável. Merece de rumo que nos traçamos, já ficaram incorporados à história da literatura brasileira

cercas de duas dezenas de autores de que o velho Silvio Romero, o mestre de todos nos que estudamos esses assuntos, não pôde ter conhecimento. São aqueles sacerdotes cheios de amor à terra brasileira, quase todos cheios de bondade e de profundo zelo religioso, que para cá vieram, e constituiram o rútilo exército dos Nóbregas e dos Anchieta. Esses sacerdotes — eminentes pelo coração e pelo cérebro, que foram todos prosaadores, que foram muitos deles poetas — tiveram meio de incorporá-los, com suas biografias, os excertos de suas obras, à nossa história literária. Cabe-nos aqui confessar que em primeiro lugar devemos esse privilégio à incomparável obra de exegese histórica e religiosa de Serafim Leite: à existência de sua magnífica História da Companhia de Jesus no Brasil, às suas Novas Cartas Jesuíticas, às suas Páginas de História do Brasil.

Pertencendo à Companhia de Jesus, Serafim Leite, espírito austero de historiador e erudição, teve a vantagem de ver abrirem-se para o seu labor os maravilhosos, riquíssimos arquivos da ordem a que pertence. Com tal recurso, pôde levantar o vasto panorama, no qual se movem tantos varões ilustres da cultura portuguesa e brasileira. E' esse seu material, que Silvio não pôde conhecer, que nós temos hoje em mãos; e merece dele é que nos podemos alongar a mais e mais nas sondagens e nas verificações às camadas primeiras de nossa história — ou pre-história — literária.

Foi com a decisão de levarmos avante o plano de uma história literária traçada em tais moldes, que tornamos a dar vida, em junho passado, a AUTORES & LIVROS. Encerrando no próximo número (25 de corrente), o volume nono, temos a alegria de verificar que toda a história literária do país no primeiro século está incluída nos 15 números.

NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

De acordo com o que fazímos na primeira fase de Autores & Livros, vamos dedicar o último número de nosso nono volume (25 do corrente) a um autor estrangeiro. Na primeira fase os estrangeiros escolhidos foram: Shakespeare, Anatole France, Verlaine.

Encerrando éste nosso volume, vai ser incluído em nossas páginas Chateaubriand. É o grande rio do Romantismo francês, o abridor dos caminhos em que durante um século transcorreram os poetas e os prosaadores de todo o planeta. O centenário de sua morte transcorreu em Julho deste ano. Será um homenagem a ele, portanto, que daremos o nosso último fascículo deste volume.

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cincuenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (8-8-1948).

CARTAS JESUITICAS

III - IV

Cartas avulsas

(1550 - 1568)

ros que formam a nossa coleção de 1948. O quadro dessa primeira fase da história literária brasileira ficou traçado da seguinte forma:

Fascículo I — Pero Vaz de Caminha.

Fascículo II — Pero Lopes de Sousa.

Fascículo II — Padre Manoel da Nóbrega.

Fascículo IV — Padre José de Anchieta.

Fascículo V — Gabriel Soares de Souza.

Fascículo VI — Bento Teixeira.

Fascículo VII — Pedro de Magalhães Gondavo.

Fascículo VIII — Padre Fernão Cardim.

Fascículo IX — Padre Quirílio Caxa.

Fascículo X — Padre Jenônio Rodrigues.

Fascículo XI — Padre Leonardo do Vale.

Fascículo XII — Padre Luiz Figueira.

Fascículo XIII — Padre Antônio de Araújo.

Como se vê, quase todos os autores incluídos em nosso volume sono são sacerdotes; e todos esses sacerdotes se encontram estudados nas fontes a que acima aludimos.

O fascículo de hoje ficou dedicado aos outros jesuítas do primeiro século, que desejariam incluir em nossa história literária. Iles têm direito de nela figurar, tanto quanto um Quirílio Caxa ou um Antônio de Araújo. Deles, entretanto, não tivemos tempo até agora de tratar.

Compreende o leitor que não nos é dado ficar mais de um volume em uma fase tão obscura e tão sem expressão verdadeiramente literária, como é essa dos primeiros cronistas religiosos. Temos, pois, pressa de sair dela.

O nosso próximo número — de acordo com o que ficara estabelecido no nosso plano primitivo — será dado em homenagem a um autor estrangeiro: nele estaremos Chateaubriand. (Continua na página seguinte)

RIO DE JANEIRO IMPRENSA NACIONAL

1551

CARTAS AVULSAS. Esta edição, que se prende aos primórdios cronistas jesuítas, de dez ou quais, em nosso número de hoje sumariamos as biografias, foi impressa, mas não chegou a ser publicada. O fac-símile encontra-se no volume CARTAS AVULSAS, 1550-1568. Edição da Academia, 1921.

SUMARIO

PAGINA 161:

- O plano de "Autores & Livros".
- Nossa próxima número.

PAGINA 162:

- Os Jesuítas, nossos cronistas do primeiro século:
 - Vicente Rodrigues;
 - Afonso Bras;
 - Antônio Pires;
 - Diogo Jácime;
 - Francisco Pires;
 - João de Aripuca Navarro;
 - Leonardo Nunes;
 - Luiz da Grã;
 - Antônio Rodrigues;
 - Pero Corrêa;
 - Pero Rodrigues.

PAGINAS 163, 164, 165, 166, 167
E 168:

- Galeria Jornalística:
- Explicação de esta "Galeria Jornalística".
- Timon e a Têmia das Revoluções, de Renato Sergio Fausto Jobim.
- Justiniano José da Rocha, de Adriano Ribeiro do Vale de Araújo Lima.
- Machado de Assis, de Maria Cecília Ribeiro Figueira de Mendonça.
- Cipriano José Barata, de Maria de Lourdes Rodrigues Bulaque Guimarães.
- Um jornalista fora da banca (F. de S. Torres Homem), de Cristóvão Monteiro Freire.

- A obra de Ferreira de Araújo, de Sérgio Vellozo.
- Joaquim Serra, de Vera Mariana Faria.
- Em torno de Evaristo de Vilela, de Jefferson Barata.
- Jado Ribeiro, de Dulmira Amador Colper.

PAGINA 169:

- A Carneiro Leão recebeu a Legião de Honra.
- As obras completas de Amaury de Amaral.
- Chateaubriand na Academia.
- Uma recepção acadêmica.
- A saída de "Autores & Livros".
- Uma história da Literatura Universal.

PAGINAS 170 E 171:

- A Vida dos Livros:
- Monigliano, Atílio — História da Literatura Italiana.
- Academia Brasileira de Letras — Gonçalves Dias.
- Castro, Aloysio de — Discursos, Nova Série.
- Leite, S. J. Serrão — O Curso de Filosofia e Teatralidade para se entrar a Universidade do Brasil no século XVI.
- Livros recebidos.

PAGINA 172:

- Pereira da Costa.
- Annabel Leite de Freitas — (Tradução de Fernando Pessoa).

LEOPOLDO PERES

Sexta-feira, 26 de Novembro, quando, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, relatava um projeto que lhe tinha sido distribuído, o Deputado Leopoldo Peres, representante de Amazonas, sofreu um ictus cerebral. Socorrido imediatamente pelos seus companheiros, entre os quais havia alguns médicos, foi conduzido para um hospital. Ali, à noite daquele mesmo dia, veio a falecer. Era um brilhante espírito, apaixonado pelos assuntos amazonenses e brasileiros. A obra

que deixa consta principalmente de discursos e artigos de imprensa.

Leopoldo Peres nasceu em Pernambuco, na cidade do Caíbo, mas foi levado aos seis anos para o Amazonas, e ali viveu, ali formou-se e fez a sua carreira. Foi membro da Academia Amazonense de Letras. Era autor de dois livros:

— Política e Espírito do Regime — Editora A Noite, Rio, 1940.

— Getúlio Vargas — O homem e o chefe — 1945.

OS JESUITAS, NOSSOS CRONISTAS DO PRIMEIRO SÉCULO

VICENTE RODRIGUES

Nasceu em S. João da Talha, junta a Sacavém (Portugal) e entrou na Companhia de Jesus, como coadjutor, a 18 de Novembro de 1545.

Era irmão do Padre Jorge Rijo, que foi Ministro do Colégio de Coimbra, e daí veio ser chamado às vésperas Vicente Rijo. Veio para o Brasil na 1.ª expedição (1549) com Tomé de Sousa e Nóbrega. Embora não possuise grande instrução, possuia um grande espírito de entusiasmo e trabalho, e quinze dias depois de chegar ao Brasil já ensinava doutrina aos meninos e tinha uma "escola de ler e escrever". E' esse um fato muito importante, para os que estudam as origens do ensino no Brasil, um fato que dá a Vicente Rodrigues a posição de um precursor. Coube-lhe, com o Padre Francisco Pires, fundar a ermida da Nossa Senhora da Ajuda, em Porto Seguro. Ordenando-se sacerdote, dedicou-se ainda com maior afinco aos seus trabalhos. Em 1563, ao se fundar S. Paulo, estava em Piratininga. Em Abril de 1560 fêz em S. Vicente os votos de coadjutor espiritual. Foi governador de várias residências, no decurso de 20 anos. Em 1562, estava em S. Paulo, e ali assistiu ao assalto que sofreu a cidade. Assistiu também ao assalto dos Tambores ao Rio de Janeiro. Naufrou mais de uma vez. Era um homem de saúde precária, sofrendo de uma otite. Seus padecimentos eram tamanhos que ele chegou a pensar em regressar para Portugal, projeto de que o dissuadiu o Visitador Cristóvão de Gouveia. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro, a 9 de Junho de 1600, tendo vivido 51 anos no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- Carta da Bahia de Todos os Santos em 17 de Março de 1552. "Cartas Avulsaas".
- Outra carta ... Idem.
- Cópia de uma carta de ... que está no Brasil na cidade de S. Salvador, nos 17 de Setembro de 1552 — Idem.

FONTE

- Cartas Avulsaas — 1550-1568. Edição da Academia.
- Leite, Serafim — História da Companhia de Jesus no Brasil, 6 volumes, passim (notadamente vol. 1.º, pág. 50).

AFONSO BRAZ

Era jesuíta e veio para o Brasil na 2.ª expedição (1550).

— Carta de Afonso Braz mandada do Porto do Espírito Santo do ano de 1551.

— Cartas Avulsaas — 1550-1568. Edição da Academia.

O PLANO DE ...

(Conclusão da pg. anterior): o grande escritor francês, cujo centenário de morte transcorreu este ano. No volume décimo, a iniciar-se em Janeiro próximo, iremos tratar dos escritores baianos e pernambucanos, que ficaram marcando os primeiros momentos de nossa vida autônoma de pensamento e de poesia: um Gregório de Matos, um Vieira, um Salvador, um Botelho de Oliveira, tantos outros.

De forma que, com relação a esses cronistas vagos e ignorados do primeiro século, vamos encerrar a galeria no fascículo de hoje.

São vários os autores que figuram em nossas páginas deste último fascículo dedicado ao nosso primeiro momento jesuítico. E' fácil compreender a razão pela qual de cada um deles só nos foi dado apresentar a informação bio-bibliográfica.

ANTONIO PIRES

Nasceu em 1519 em Castelo Branco, Portugal, e foi discípulo de D. Gonçalo da Silveira, mártir de Montemor-o-Novo. Entrou para a Companhia de Jesus em Coimbra, a 6 de Março de 1549. Veio para o Brasil na 1.ª expedição (1549), com Tomé de Sousa e Nóbrega. Em 1551 acha-se em Pernambuco. Sendo homem de muita habilidade e de muita força, davasse aos trabalhos de carpintaria. Em Pernambuco, ajudou, com as suas mãos, a construção da casa de Nossa Senhora da Graça. Mais tarde, na Bahia, ajudou a construção da Ajuda e a do Colégio. Foi em Pernambuco, em nome do Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, Visitador Apostólico, Foi vice Provincial em 1570. Faleceu na Bahia no exercício

FRANCISCO PIRES

Nasceu em Celorico da Beira, Portugal, e entrou para a Companhia de Jesus em Coimbra, a 24 de Fevereiro de 1544. Veio para o Brasil na 2.ª Expedição (1550). Dez anos depois, era reitor da Bahia. Em 1565 era Superior em Ilhéus. Era bom operário, tendo trabalhado na construção de várias igrejas, como por exemplo a da Nossa Senhora da Ajuda. Era também incessante pregador, agraciando pouco, em virtude do muito que se alongava. Faleceu na Bahia, em Janeiro de 1585.

BIBLIOGRAFIA

- Carta para os Irmãos de Portugal — Cartas Avulsaas.

— Traduzido de alguns capítulos de cartas do Padre, que há vindo do Espírito Santo — Idem.

— Carta do Padre ... do Bra-



Igreja do antigo Colégio dos Jesuítas, na capital baiana

desse cargo, a 27 de Março de 1572.

BIBLIOGRAFIA

- Carta aos Irmãos da Companhia, a 2 de Agosto de 1551. (Cartas Avulsaas). Esta carta fôr antes publicada na Revista do Instituto Histórico, vol. VI.

DIOGO JACOME

Nasceu em Portugal e pertenceu à ordem dos Jesuítas, como irmão (12 de Novembro de 1548). Veio para o Brasil na 1.ª Expedição (1549) com Tomé de Sousa e Nóbrega. Aqui teve parte destacada nos trabalhos da primeira catequese, na Bahia, em Porto Seguro, nos Ilhéus, em S. Vicente e Piratininga. Aprendeu sobrino a trabalhar no fôrno, e ensinou essa arte aos índios. Ordenou-se sacerdote na Bahia, em 1562. Faleceu a 10 de abril de 1568, na aldeia de Nossa Senhora da Conceição (Espírito Santo), vítima de uma epidemia de varíola que então gravava, e na qual ele se desdobrou em serviços aos enfermos. Biografia:

— Carta do irmão ... para os Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra — Cartas Avulsaas, pag. 101.

Fontes:

- Cartas Avulsaas, 1550-1568. Edição da Academia.
- Leite, Serafim — História da Companhia de Jesus no Brasil, passim (notadamente tomo I, págs. 237-238).

BIBLIOGRAFIA

- Carta para os Irmãos de Braga — Cartas Avulsaas.

— Traduzido de cartas do Padre, que há vindo do Espírito Santo — Idem.

— Carta do Padre ... do Bra-

GALERIA JORNALISTICA

TIMON E A TÉCNICA DAS REVOLUÇÕES

Renato Sergio Fausto Jobim

Poucos escritores brasileiros realizaram tanto como esse maranhense João Francisco Lisbôa. Não pertence à estirpe de homens que se restringem a um círculo vicioso de idéias e convenções; comparando suas atividades às de Rui Barbosa, que viria depois, podemos dizer, desse notável polígrafo, que possuía a capacidade pessoal de introduzir-se além dos limites de seus conhecimentos. Explorando melhor, João Francisco Lisbôa é uma fonte onde os assuntos políticos, sociais e literários encontram acesso, quaisquer sejam os homens, quaisquer sejam as épocas.

Porque o autor do "Jornal de Timon" é um tema perenamente aberto às análises mais profundas e às mais elucidativas meditadas. Se os adjetivos, no momento atual, perderam tanto de seu valor e de seu próprio significado, conforme assinala Carlos Drummond de Andrade no "Poe-



Renato Sergio Fausto Jobim

ma das Sete Faces": se a situação de hoje, estudada talvez com abundância de retórica por Roland Corbisier, — é a mais desoladora

— Cópia de uma carta ... para o Padre Belchior Nunes de Coimbra (Cartas avulsa).

— Cópia de uma carta ... (Idem).

FONTES

— Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 6 vols. Passim, notadamente vol. 4 (pág. 236).

PERO RODRIGUES

Nasceu em Évora, Portugal, em 1542 e entrou na Companhia de Jesus a 15 de Fevereiro de 1556. Tinha grande conhecimento de Latim, Filosofia, Teologia, Artes Liberais (em que era mestre). Foi reitor dos colégios de Punsch e Bragança, visitador da Província de Angola. Em 1594 veio como Provincial para o Brasil. Na Bahia muito batalhou pelas missões entre os Maromondos, os Amoipiras e os Potiguaras, deixando sobre elas notícias importantes, algumas das quais se conservam ainda hoje inéditas. Muito se esforçou pelo incremento do Colégio da Bahia. Ao receber a comunicação de que o Padre Fernão Cardim havia sido capturado pelos cor-

sários em sua viagem para a Europa, determinou fôssem em Lisboa tratado o imediato resgate daquele sacerdote, "ainda que seja preciso vender os cálices dos altares." Mais tarde, tendo de viajar para o Sul do país, escolheu em segredo o mesmo Fernão Cardim para seu sucessor, no caso de que lhe acontecesse naufragar ou ser capturado pelos corsários. Deixou o cargo de provincial em 1603. Faleceu no Colégio de Pernambuco em 27 de Dezembro de 1628.

BIBLIOGRAFIA

— Anuário do Brasil, sendo provincial, escrita em 1º de Maio de 1587 ao Padre Assistente João Alvares. Por Alexandre de Siqueira. 1598. 8º.

— Vida de Anchieta. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, XXIX, 199.

FONTES

— Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 6 vols., passim (notadamente 2.º vol., pág. 406).

— *Novas Cartas Jesuíticas*.

— *Páginas da História do Brasil*.

— Silva, Inocêncio da — *Diáclorão*, vol. 6º.

ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA

mais usada no Brasil.

Projeto para a fundação da Gramática do Brasil.

1837.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Companhia de I.E.S.V.

Em Coimbra por Antônio de Moraes. 1596.

Con licença do Ordinário da Arquidiocese de São Paulo.

da Com

GALERIA JORNALISTICA

Justiniano José da Rocha

Ademar Ribeiro do Vale de Araújo Lima



Ademar Ribeiro do Vale de Araújo Lima

procuram alcançar a satisfação de suas aspirações: nessa malafadada procura, a evolução dos processos empregados é mínima, já que as forças instintivas, contra as quais é inútil lutar, impedem-nos de sublimar sua individualidade. O homem crítico e honrado lança-se num empreendimento de vida ou de morte, e perde sua honradez e seu critério. Haverá, na história das civilizações antigas e modernas, uma autêntica e produtiva evolução? Evolução de que? Objetar-se-á: evolução de idéias. Mas as idéias naturalmente sofrem um desenvolvimento normal como todos os seres e coisas da terra, e não será preciso ler Darwin ou Marx para aceitar este princípio... O que não parece exagero é dizer que o homem passou por profundas transformações na sua inteligência; mesmo as revoluções vitoriosas, em qualquer campo, evidenciam um primitivismo grosseiro.

O mesmo acontece na História; veja-se, em se tratando do Brasil, o que João Francisco Lisboa escreveu, um rasgo do que alguns chamariam de lealdade anti-patriótica: "O nosso primeiro imperador D. Pedro, subindo ao Ipiranga, em 7 de setembro, e sublevando-se a um tempo contra a autoridade do rei e do pai, mostrou-se e efetivamente tão grande e acérrimo revolucionário, não menos na Varna que no fundo, pois na divisão da separação proclamada, no grito de — Independência — acrescentou a alternativa sanguinolenta ia — 'Morte'".

Timon traçara o seu objetivo um pouco vago: analisar as revoluções do mundo, mas nunca a sua evolução...

Por certo tinha razão Antônio Henriques Leal, prefaciando as "Obras Completas", quando dizia que os talentos comuns, enquanto consumem horas de lazer em perceber uma verdade, "descobrem-na as felizes intelligências entregues quase à inspiração". O critério revolucionário que João Lisboa adotou para si próprio, para o ajuste de suas capacidades, haveria de roubar as mirificas ilusões da vida, que a fertilidade dos sonhos impregnara de sentimentalismo. A revolução realizada por seu capitão batalhador seria a causa primacial de sua soberania; Lisboa, antes de criticar as revoluções do mundo, introduziu nessas altitudes a transformação que se opera nos homens de responsabilidade.

Mas que patrimônio possemos nos, os moços de hoje, em relação aos moços de ontem? Em que seremos capazes de substituir, de ultrapassar, de vencer? A glória é fortuita e muitas vezes passageira, já canta o poeta:

Ó glória de mandar, ó vã
(cobiça)
Desta vaidade a que cha-
(manos fama!)
(Lusiadas, XCIV, canto IV)

Estúpidos aqueles que, no arrebatamento das primeiras demonstrações de inteligência, rompem audacilmente o alvéolo da modéstia e estrugem na levianidade condenável. Para estes moços o mundo é tão pequeno que lhes cabe inteiro na cabeça; e não temem o julgamento dos mais velhos. O "Conselho dos Mocos", de Rui, se transforma em simples instrumento de retórica; del-

xai Carlos Wagner morfar na sua filosofia do "Valor". Esquecemos um Castilho, um Cândido de Figueiredo, um Gonçalves Viana, um Antoine Alballat — sorriemos pejorativamente dos mestres da língua. Não temos paciência e interesse para ler um bom livro de cabô a rabô; folheiamo-lo, apensas. E, depois, é julgar, sem nenhuma responsabilidade e sem nenhuma autoridade, como os redatores de Pradike Mendes, "sobre coisas da terra e do céu" ... Em 20 de julho de 1897, na sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, um velho político do Império e grande orador parisiense evocaria com a serenidade dos patriarcas desiludidos: "Os que envelheceram não compreendem mais o valor das ilusões que perderam; os jovens não dão valor à experiência que ainda não têm".

Pertencente ao pequeno círculo dos homens que não se fundem na vulgaridade, isento de influências perniciosas, João Francisco Lisboa realizaria uma obra monumental que se chamou "Vida do Padre Antônio Vieira". Mesmo neste ambiente histórico e até certo ponto hierático, sua visão se dirige para as revoluções. Há revolução em todas as coisas, no que pertence à natureza e no que pertence ao homem. Mas a causa da revolução entre os homens, da revolução sobretudo política, não encontra perfeito entendimento nos grupos sociais. Para Timon "não é o acidente dos meios brandos ou violentos que pode justificar as revoluções; que a força e legitimidade delas está na sua justiça".

No entanto era preciso decidir-se em meio aos meandros da situação do seu tempo. A abdicação do primeiro Imperador, em 1831, marcaria no espírito do jovem Lisboa o vínculo indissociável das grandes reformas. O conflito entre moderados e exaltados repercutiu mesmo no longínquo Maranhão, onde os ilustrados não gosavam de boa estima. Tinha Lisboa, nesse tempo, 20 anos, e estreou na vida pública de sua província aproveitando aquela crise de caotismo. Até os quarenta e três anos de idade viveu em sua terra, e só mais tarde veio conhecer a capital da República. Em

1853 os homens e as idéias não lhe pareceram dignos de confiança: "Ora, Timon, pouco confiado senão timido e pusilâmino por temperamento, algum tanto experiente em nossas coisas, e escarmentado em tantos exemplos alheios, não se sente de nenhum modo inclinado a associar-se aos nossos partidos, conhecendo que de todo lhe falecem as forças e aptidões indispensáveis para corrigi-los e guia-los bem". E, mais adiante, esta impiedosa declaração: "No meio, destas pequenas facções não vejo a nártia".

Está diante de um grave dilema: a realeza ou a democracia. Despontavam, no país, os abores de uma nova etapa, a exemplo da Inglaterra, do Chile, da Argentina, e de outras nações emancipadas. O venerando Timon hesita; sua formação conservadora, porém, escapa na torrente das palavras incisivas: "Evitemos não menos ósses apóstolos e reformadores que por levianidade, amor próprio, orgulho, fanatismo ou perversidade, erigindo a revolução em doutrina e sistema

permanente, nos impelem para o aberto, e como a filha de Danáu, imaginam renocar e regenerar as nações, dilacerando-as sem piedade, e cosinhando os membros mutilados na sua grande caldeira revolucionária". O tam solene, de oratória, denuncia seu estado emocional: "Seu dúvida, a democracia, que é a intervenção de todos no governo de todos, e a igualdade que daí resulta entre os homens, tem tido um desenvolvimento patente, estendendo, universal, duradouro, e apresenta todos os caracteres do providencial ... (seguem-se vários exemplos). Cada dia o ésto popular cresce e monta, e ameaça atingir as posições mais elevadas e sublimes. Mas a realeza subsiste apesar disso, e nos recentes e terríveis embates a que se viu exposta, triunfou por toda a parte dos seus formidáveis adversários".

Grande visão pública a família real portuguesa veio para o Brasil, resultando acontecimentos que muito influiram na nossa história: — o regresso de D. João VI em 1821, para Portugal, sendo substituído pelo filho D. Pedro I; um período de reação contra a corte portuguesa até o dia do "Fico", a 3 de Janeiro de 1822. E, em Setembro do mesmo ano é proclamada a independência. Com a abdicação de D. Pedro I, em 1831, seguem-se dois períodos regenciais, e logo após, o governo de D. Pedro II, com o ministério da "maioridade". Nessa fase de reverses políticos, aparecem brasileiros ilustres que se batem por um Brasil melhor, com a "poderosa aliança de suas penas": Ledo, Januário da Cunha Barboza, Evaristo da Veiga, João Francisco Lisboa, Torres Somem, Nabuco de Aruá e outros.

Comentamos nós: se Lisboa vivesse nos tempos atuais, não necessitaria de corrigir esse ponto de vista...

Mas, diante de tóda essa magnífica enxurrada de conclusões pungitivas e acertadas, quando os processos políticos já eram levados a efeito por simples mimetismo e sem nenhuma aspiração transcendente, o incansável Timon pregava a justiça, a prudência, a tolerância e a moderação — "sem estas grandes virtudes, nada se pode fundar de útil, estável e glorioso que seja". Urgia: um equilíbrio mais acentuado das suas convicções, e ele declara que "censurou a impolítica e absurdamente negação de todo direito revolucionário; condenou também o abuso conditório; resta-lhe agora condenar o abuso não menos funesto e criminoso das repressões implacáveis e cruéis". E, para que não pareça dúvida quanto à sua finalidade, obtempera: "Não escrevo um tratado, aventuro apenas reflexões que possam pôr de sobreaviso governantes e governados".

Há um pequeno trecho, nas considerações gerais sobre o direito revolucionário que antecedem os "Apontamentos para a História do Maranhão", imprescindível à compreensão de suas idéias: "A conclusão que tiro de tudo isto é que o mais tolerável e preferível, senão o melhor, é o que existe, quando mais não fosse, porque nos pou-

gazão e conversador exímio". Escrevia com extraordinária facilidade, sem que a conversa ou visitas de amigos o perturbasse. Cercado de passaços e de crianças em perpétua algazarra que incomodaria a qualquer outro, o jornalista carioca discute os problemas mais sérios do país, escreve artigos admiráveis, inclusive inúmeras obras que legou a posteridade.

Nasceu na soberba cidade do Rio de Janeiro a 8 de Novembro de 1812. Iniciou seus estudos literários no colégio de Henrique IV em França, onde revelou talento, obtendo os primeiros prêmios. De regresso à pátria, frequentou o curso de ciências jurídicas e sociais na Academia de São Paulo, onde bacharelou-se em 1833. Contava apenas vinte e seis anos de idade em 1833, quando ingressou no magistério, ocupando a cadeira de história e geografia no Imperial Colégio Pedro II. Exonerando-se, foi nomeado leitor de direito militar em 1841, da Escola Militar de Rio de Janeiro; ali ficou até 1845, quando da extinção daquela cadeira. Voltou a lecionar francês e latim naquele mesmo estabelecimento, em 1850, e, nesta mesma ocasião exerceu a profissão de advogado com poucos resultados, talvez pela tendência ao magistério.

Além dos vários cargos exercidos no magistério, tê-lo-á como sócio dos mais antigos do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e membro do conselho diretor de instrução primária e secundária do município da corte. Homem de talento e inegável atividade, representou como deputado a província de Minas Gerais em três legislaturas, com pouco sucesso, por lhe faltarem qualidades de bom orador. No entanto, a partir de 1836, funda na imprensa os periódicos *Atlante* e *Cronista*, passando a figurar como estrela da primeira grandeza entre seus companheiros de jornal.

Conforme opinião de valores críticos é comparado a jornalistas de destaque durante a independência e de modo muito especial a Evaristo da Veiga (1831), pelo fôlego de sua pena, excedendo-o mesmo "em ilustração, em máxima habilidade de escritor 'estrategista', nos combates da imprensa". Comparando-a a Torres Homem, seu contemporâneo, Silvio Romero pondera: "Justiniano tinha menos que Torres Homem o talento oratório e certa pose em que seu rival era mestre exímio. Excedia, porém, ao futuro barão de Inhomirim na utilidade de talento, na espontaneidade da exposição e do estilo, na capacidade de interpretar os sinalis do tempo, a corrente das idéias, a evolução das coisas políticas".

Como jornalista, era-lhe muito superior e, cumpre acrescentar que não encontrou ainda quem o excedesse". Na política foi intransigentemente conservador, fazendo aferrada oposição a Frei Jó no combativo jornal *"O Cronista"*, que durou de 1836 a 1839. O ano de 1840 é remarcável pela atuação política de dois grandes partidos: o liberal e o conservador. Nesta fase de agitação em que se encontrava o país, é que Justiniano Rocha funda o famoso periódico *"O Brasil"*, e através deste, combate com tenacidade e brillantismo a causa da maioridade de D. Pedro II e com energia ataca o ministério da "maioridade" de 25 de Julho. Concorre para a queda da corrente liberal e para a vitória do seu partido, que volta no poder a 27 de março do ano seguinte.

Firme nos seus ideais, o líder do partido conservador continua escrevendo no mesmo jornal os artigos políticos "Prós e Contras" em contraposição

GALERIA JORNALISTICA

MACHADO DE ASSIS

Maria Cecília Ribas Carneiro

Sobre a verdadeira origem deste grande escritor e jornalista, muito se tem escrito; no entanto, persiste a dúvida se foi mesmo, na chácara de um Conde Felipe, onde seus pais eram agregados, situada no morro do Livramento. Há quem afirme ter sido num sobrado à rua São Luiz Gonzaga, em São Cristóvão. O certo é que, a 21 de Junho de 1839, veio ao mundo aquele menino pardo que seria mais tarde uma das glórias do jornalismo brasileiro. Joaquim Maria era filho de pais muito pobres. Francisco José de Assis, seu pai, era pintor de casas, e Maria Leopoldina Machado de Assis, sua mãe, era lavadeira. Ambos mulatos, gente humilde, mas honesta e organizada.

Sua infância decorreu como a de qualquer outro menino nas mesmas condições, se aventurelhas embraçadas que atraíam na Praia da São Cristóvão. De saída precária, era Machado de Assis, um menino franzino e feio, porém precoce e observador. Em seus romances, notadamente "Memórias Póstumas de Braz Cubas" e "Quincas Borba", retratou com fidelidade esses ambientes que o cercavam na infância. A gagueira desde o início se manifestou nele, fazendo com que se afastasse dos companheiros que se divertiam à sua custa. Daí talvez tivesse resul- tado o seu temperamento desconfiado, retraído, inverdadeiro. Joaquim Maria encontrava refúgio contra as ameaças dos companheiros nos braços de sua mãe e na irmãzinha que brincava com ele tão carinhosamente. Bem cedo, entretanto, as perdeu. Isto agravou mais ainda o temperamento triste de Machado. Pouco tempo depois seu pai tornou a casar-se e deu ao filho uma boa madrasta, que foi muito carinhosa com aquele menino tão fraco.

Então, em meio a pobreza, Machado de Assis não vivia entre gente branca. Foi de sua madrasta Maria Inez que recebeu as suas primeiras lições. Mais tarde foi posto numa escola pública. Desde logo manifestou um grande amor pelo estudo, entusiasmo esse que conservou até o fim da vida. Com a morte de seu pai, Joaquim Maria teve de ajudar sua madrasta no sustento. Entretanto, seu amor pelos livros persistiu. Aproveitava todos os momentos de folga para estudar, e procurava ler tudo o que lhe caísse as mãos. De convívio com um fornecedor francês de uma padaria da rua São Luiz Gonzaga, resultou o aprendizado da língua francesa.

O ponto de apoio para o início de sua carreira literária, Machado de Assis encontrou no coração generoso de Francisco de Paula Brito, o dono da Livraria do mesmo nome. Esta atividade literária, assim iniciada, no ano de 1855, ereu ininterruptamente 53 anos!

Da mesma maneira que Machado de Assis, outros jovens promissores foram se chegando ao bondoso livreiro, como por exemplo Casimiro de Abreu.

A 21 de Junho de 1855, sala publicada a primeira poesia daquele mulatinho franzino: "Um anjo", possivelmente inspirada nos encantos da prima-dona italiana Casaloni. Em 1856 entrou para a Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. Ali ficou dois anos, tornando-se grande amigo do diretor, o romancista Manoel Antônio de Almeida. Por esta época reiniciou seus estudos grácas à bondade do Padre Mestre Silveira Sarmento. Em 1858 saiu da Imprensa Nacional para ser revisor de provas na casa de Paula Brito. No ano seguinte inicia o mesmo trabalho no "Correio Mercantil", grácas à influência de Francisco Otaviano.

A primeira colaboração em prosa que fez, foi uma tradução de "Literatura durante a restauração" de Lamartine e data de 1857. Em 1858 inicia-se na crítica, aos 19 anos, reclamando con-

"a Conciliação dos Partidos" publicada no "Correio Mercantil", por Sales Torres Homem, que por essa época era ainda um liberal.

Pela facilidade e clareza com que escrevia, superava o seu rival político, o futuro barão de Inhomirim, cujos artigos eram longos demais, e — para que não dizer — incompreensíveis, obrigando o leitor a duas ou mais leituras.

Apesar da árdua tarefa de chefe de um partido político, passa a colaborar no "Jornal do Comércio", prestando inestimáveis serviços àquele órgão de imprensa.

Em 1859, por motivos financeiros desaparece o correio "O Brasil", voltando a suas atividades com o nome de "O Velho Brasil". Durou apenas um ano, (1853-1854) pois com a política de "Conciliação" do Marquês de Pátria, estava praticamente exterminado o partido pelo qual tanto se batia Justiniano Rocha. Não desanimou o grande jornalista, e, em 1854, publica o "Constitucional", folha de combate ao seu adversário político. Como o "Velho Brasil", durou apenas um ano; em 1855 desapareceu para sempre.

Em Fevereiro de 1860 saiu o "Regenerador", encimado com as palavras: "Fé em Deus, fé nas instituições, fé no futuro do Brasil". Suas páginas assinalam ideias políticas bem diferentes das de outros; e vemos então Justiniano José de Rocha defendendo com ardor as idéias católicas.

A 28 de Setembro de 1860, saiu o último número desta gazeta. Muito pobre, individual e

ALCINDO GUANABARA

Hugolino Guanabara Figueira de Mendonça

A figura mais expressiva do jornalismo brasileiro foi, incontestavelmente, a de Alcindo Guanabara. Esta immortalizada na história da nossa imprensa.

Alcindo Guanabara era, antes de tudo, jornalista. E a sua vida inteira de grandes ideais patrióticos, batalhas memoráveis pelas justas causas nacionais, foi entregue ao seu jornal. Era um espírito avançado, humanista, vanguardista de todos as conquistas da liberdade.

Natural de Guapi-Mirim, pequeno distrito do Município de Magé, no Estado do Rio de Janeiro, veio ao mundo no dia 19 de Julho de 1858. Filho de pais pobres, o futuro jornalista passou a infância na humildade do lar até atingir os 12 anos. Levado por inúmeras curiosidades, conseguiu emprego de bedel no Colégio Faixão, de Petrópolis. Ali, durante as férias dos alunos sols sun guarda, prestava atenção às explicações dos mestres e, sem que ninguém o percebesse, tornava

nota de tudo. Sua inteligência privilegiada surpreendeu os educadores daquela casa de ensino, quando, em certo dia, pediu para fazer exames. Sua nota excedeu a expectativa e, graças a isso, conseguiu terminar o seu curso primário, passando, finalmente, de bedel a professor de matemática daquela escola.

Em 1864, após abandonar a Faculdade de Medicina, onde alcançara o terceiro ano, ingressou na "Panfarrá", cuja redação saiu por não concordar com a orientação política. Sem trabalho, aceitou lugar de inspetor de um asilo de crianças abandonadas. Sua tempra de jornalista, porém, indicava-lhe outro caminho, e não tardou a ingressar na "Gazeta da Tarde". Os artigos que escrevia tornaram-no logo conhecido. Em 1867, foi convocado para colaborar em "Novidades", onde se celebrizou pelo combate sem trégua que desencadeou contra a abolição da escravag-

tura. Não porque visse coisa louvável na escravidão. Seu ponto de vista seria a impropriedade no momento para a Lei Autônoma. O interessante em tudo isso é que Alcindo Guanabara era mulato e de sua cor tinha orgulho.

Usando o pseudônimo de "Nestor", na "Gazeta Ilustrada de São Paulo", Alcindo Guanabara previu, depois da abolição, a queda da monarquia brasileira.

Mais tarde, no ano de 1890, ingressou no Correio do Povo e, dois anos depois, no "Jornal do Comércio", onde foi redator durante muito tempo. Na redação desse jornal foi que ocorreu a famosa história do "contraria a favor de Jesus Cristo", que tem sido deturpada. Rufino de Loy, membro do Ministério Públíco Brasileiro, que ressalta os últimos momentos do grande jornalista, assim nos fala:

Certa ocasião — disse — perguntei a Alcindo o que havia, finalmente, sobre a versão do "contraria a favor". A resposta foi precisa:

— Não, isso não é verdade. Mas, em tem de blague, arrinhatou:

— Sobre Cristo há matéria tanto para se escrever contra como a favor...

Eleito deputado pelo seu Estado natal, foi o primeiro a assinar o manifesto contra o golpe de Estado de Deodoro. Em 1893, foi nomeado Diretor de Imigração na Europa. Dois anos mais tarde, regressou ao Brasil e passou a dirigir a República.

Durante o governo de Prudente de Moraes, Alcindo Guanabara foi totalmente perseguido, terminando por ser exilado em Fernando de Noronha. Voltando do degrado mais popular do que nunca, fundiu "A Tribuna", em 1898, em cujas colunas preparou a candidatura de Campos Sales à Presidência da República.

Acusava incessantemente o governo de falhas e de ineficiências administrativas. Era temido por todas as altas autoridades do país. Dizia o grande jornalista que a "pior coisa do mundo era o homem tornar-se famoso e ser conhecido por inteligente". Defendia seu ponto de vista alegando que, quando precisava avistar-se com um Ministro de Estado, ou qualquer alto mandatário do governo, este ficava sempre prevenido, com receio de ser confundido... Na Tribuna, o mestre dos jornalistas brasileiros permaneceu até 1904, saíndo desse jornal para fundar a "A Nação". Em 1906, assumiu a direção de "O País", onde continuou a encarar com firmeza todas as questões políticas do momento. Deixou "O País" e fundou a "Imprensa", em cujas colunas defendeu a candidatura de Hermes da Fonseca à suprema magistratura da Nação. Na redação desse órgão da nossa imprensa liberal, ocorreu episódio interessan-

CLUBE DE POESIA

Observa-se em São Paulo um interessantíssimo movimento de renovação da poesia. Nesse sentido, podemos apresentar um curioso de polimento: a fundação na capital paulista de uma sociedade que tomou o nome de "Clube de Poesia". Congrega em seu seio os representantes mais jovens das correntes mais extremadas da Poesia Moderna. E desses rapazes escolheram para seu presidente, Cassiano Ricardo, o grande poeta de Martim Cerére e de "Um dia depois do outono".

chão de compromissos, desistiu de fundar mais jornais. Prosegue nas suas atividades, trabalhando no "Jornal do Comércio" até o ano de 1862, quando foi vítima de um ataque cardíaco. Veio a falecer no dia 10 de Julho desse mesmo ano, deixando a família em extrema pobreza.

Além da fundação dos diversos órgãos de imprensa e romances publicados no "Jornal do Comércio", deixou-nos vários livros, inclusive belas traduções de escritores estrangeiros.

Eis algumas de suas obras: Considerações sobre a justiça criminal no Brasil e especialmente sobre o juri, onde se mostram os defeitos radicais dessa tão gabada instituição: 1835.

Compendio de Geografia Elementar, oferecido no governo de S.M.I. e por ele acerto para uso dos alunos do Império Colégio Pedro II: 1838.

O assassino misterioso ou a patroa dos diamantes, novela histórica: 1839.

A Rosa Amarela, novela de Charles Bernard, traduzida: 1839.

A Armas e as Letras, novela de Alexandre de Lavergne, traduzida: 1840.

A Pele do Lobo, novela de Charles Bernard, traduzida: 1842.

O Conde de Monte Cristo, por Alexandre Dumas, traduzido: 1845.

Piquillo Alliaga ou os mouros no reino de Filipe III, por Eugénio Scribe, tradução: 1847.

Segundo Pinheiro Chagas todas estas traduções saíram no "Jornal do Comércio", com exceção daquela última.

GALERIA JORNALISTICA

A OBRA DE FERREIRA DE ARAUJO

A obra de Ferreira de Araújo divide-se em três partes perfeitamente distintas: a científica, a teatral, e a jornalística. Expô-las-emos no seu valor ascendente.

Assim, cabe o primeiro lugar à obra científica, que, no ponto de vista literário, é de menor significação. Restringe-se a dois trabalhos, que são as duas primeiras produções de Ferreira de Araújo:

o primeiro, publicado em 1867, é a sua tese de formatura apresentada à Faculdade de Medicina. Trata de vários assuntos referentes à maternidade e das febres malignas mais frequentes no Rio de Janeiro;

o segundo é uma tradução, publicada em 1877, do livro de Luis Figueras, *Depois da Morte, ou a vida futura segundo a ciência*. Nesses dois trabalhos se resume a obra científica do jovem médico.

A segunda parte de sua obra é o teatral. Nesse terreno, apresenta-se também como autor e tradutor. Inicia-se logo como autor, com a comédia *O Primo Dassio*, que se relaciona com o romance de Eça. A esta, seguir-se, mais tarde, *Fagundes*, que já demonstra uma segurança maior na criação dramática, um vêô mais curado, pois, de uma certa brejeira, construída em umas apêndices, passa para uma comédia de costumes em três atos, ampla e vigorosa.

Como tradutor, Araújo deu-nos *Jonathan*, comédia em três atos, de autores sem importância; *A Filha Única* e *Um Chapéu de Palha de Itália*, ambas de Theobaldo Chiconi; a tradução da língua francesa de A Baronne, peça de autor desconhecido, e uma adaptação de *Os Médicos* para o nosso teatro. A maioria dessas peças foi levada em première no extinto teatro São Luís.

A parte de maior valor na obra de Ferreira de Araújo, aquela que realmente representa a sua posição em nossa literatura é a obra jornalística. O jornalismo, em Araújo, significa a vitória de uma vocação potente sobre uma orientação em sentido contrário, imposta pelas circunstâncias. Sua carreira inicial foi a *Medeia*, *Vemos*, *porém*, desde o período universitário, a Imprensa a atrair e a seduzir o jovem estudante. Cedo, começa a nova inclinação a preponderar. Araújo comece a colaborar em pequenos jornais, como *O Guarany* e *O Mosquito*. Passam os anos, e em 1875 desloca-se, finalmente, a verdadeira vocação. Surge a *Gazeta de Notícias*.

Homem de inteligência, dessa inteligência dinâmica que observa as coisas de relance, penetrando imediatamente em suas qualidades ou defeitos, Araújo notou o quanto atrasados estavam os nossos jornais com referência a um contato mais efetivo com o povo. E sua orientação primordial ao fundar a *Gazeta*

época, um segundo Ministério das nossas finanças.

A sucessão de fatos na vida de Torres Homem fez com que seus inimigos por vezes se referissem, desarrazadamente, à sua atitude com relação ao pseudônimo do Timandrinho. Mais tarde, já Senador e Visconde de Inhemirim, quando em 1871, defendia, da tribuna do Senado, "os benefícios das situações conservadoras contrapostas à esterilidade dos governos liberais", Silveira da Mota, que o não perdoava nunca, vibrou-lhe incisivo aparte:

— "Santo Deus! E dizer que é Timandrinho que está falando!" E completando com a voz mais forte: — "Responde a si mesmo, tantos anos depois!"

Dizia-se que Sales Torres Homem arrependia-se, no fim de sua vida, de tudo quanto escrevera Timandrinho e que, por isso mesmo, adquiriu, nas livrarias e nos "sébes", os exemplares porventura ainda existentes de *O Liberal do Povo*, para destruí-los. A respeito consta-se a seguinte anedota. Costumava, Sales Torres Homem, frequentar os jantares do Barros, mesa famosa, em torno da qual assentavam-se figurações do segundo Império. Um dos convidados, que por sinal não era muito comum àquelas festas, perguntou-lhe à queima roupa:

— "V. Exela, sr. Conselheiro, não tem arrependimento de haver escrito o Timandrinho?"

Houve um momento de estupefação, de perplexidade, de apreensão geral. O Barros, que era cidadão expediente, respondeu, prontamente, à pergunta inopinada:

— "O sr. Conselheiro do que se arrepende é de vir a lugares onde há pessoas que lhe fazem perguntas destas..."

A isso Torres Homem completou, com a sua fleuma habitual:

— "Muito bem, sr. Barros... Nunca perca o ocasião de dar uma boa resposta".

Era assim, Francisco de Sales Torres Homem. Dizia-se um homem sem nervos, sob a capa daquela calma, daquela fleuma, daquela simplicidade. Quem, entretanto, leesse os seus escritos, acompanhasse a sua vida, examinasse o seu conteúdo, veria aflorar, imediatamente, aquela vibração de nervos, aquela palpitação de emoções, aquela compatibilidade soberba, que se transmudava no Timandrinho.

Em 1858, no Gabinete Abaeté, batia-se por um princípio que ainda hoje poderia servir de norma ao Brasil: — a limitação das emissões — que ele assim definia da tribuna:

— "Na apreciação das causas da queda do câmbio e da perturbação dos valores, nos nós empenhamos em provar que o papel se deprecia na medida da emissão e pelo abuso do crédito. O gabinete atual convenceu-se de que tínhamos razão e adotou o novo sistema sem a menor hesitação".

Palava-se, em 1858, uma linguagem que poderia ser repetida, lamentavelmente, 90 anos depois.

Angelo Moniz da Silva Ferraz, senador barão de Uruguaiânia, velho desafeto de Torres Homem, ao assumir, no ano seguinte, a presidência do Conselho, dizia por toda parte:



Sergio Vellozo

de *Notícias* foi no sentido de promover essa maior união entre o jornal e os seus leitores, criando, para um público cada vez mais numeroso um verdadeiro clima de interesse na opinião. Foi a primeira vez fez-se um jornal para o povo e não para os partidos políticos. E o jornal criando e avivando a opinião pública. Como obter isso? Alargando o círculo de projeção do jornal dentro da massa, seja "colocando-o no alcance de todos os bôs", como frizou Félix Pacheco, seja criando novas e novas formas de atrair o interesse do povo.

E nesse sentido que a ação de Ferreira de Araújo é revolucionária em nosso jornalismo. Renovadora, diria com mais acerto, pois a *Gazeta de Notícias* foi um nogueiro novo, mais vivo e mais forte, que veio robustecer, em boa hora, o nosso jornalismo estático do séc. dezenove.

Vejamos agora, "in loco", a superioridade da *Gazeta de Notícias* sobre os outros jornais da sua época. Os principais, então, eram: o *Jornal do Comércio*, *A Nação*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *O Globo*, etc., todos semelhantes em sua orientação antiquada, as páginas cheias de longos artigos e discursos, a pouca atenção ao noticiário e ao comentário e outras deficiências. Examinemos dois dos jornais acima aludidos nos seus exemplares do dia 3 de agosto de 1875, data da publicação do primeiro número da *Gazeta de Notícias*:

A *Nação*: — Toda a primeira página ocupada por

um discurso do senador Nabuco de Araújo e por um longo artigo sobre emigração. Nas páginas interiores, outros artigos extensos sobre assuntos vários. A terceira página toda ocupada por um estudo sobre leis de recrutamento. Só a última página é que se encontra um escasso noticiário que é, todavia, dentre os de todos os jornais, o mais minucioso.

Jornal do Comércio: — A primeira página do *Jornal do Comércio* é um pouco diferente. Toda a sua extensão colossal (pois mede quase 1 metro quadrado de superfície) é ocupada por um bom número de assuntos diferentes. Mas nenhum deles tem interesse imediato. São correspondências intermináveis, compostas em coluna inteira, consultas jurídicas, artigos enfadonhos sobre prováveis melhoramentos na cidade e, no rodapé imenso, um trecho de peça, *O varrido da densa*, que termina com declarações patéticas de amor furioso: "Não vês que me despedeço o coração, desgracado?", seguidas de beijos bafônicos nos pés da heroína, enquanto o piano desce lentamente.

Vejamos agora o primeiro número da *Gazeta de Notícias*: — nota-se, logo à primeira vista, a riqueza informativa. Na primeira coluna, os telegramas urgentes, ressaltados em negrito; na segunda, o movimento cambial e notícias variadas, que se espalham pelo resto da página, versando todos a espécie de assuntos: um monumento a ser erguido em Filadélfia, a crônica de um bateco em Nova Zelândia, a descoberta de dois novos planetas, etc., etc., enfim, colunas repletas de notícias dos quatro cantos do mundo, sobre acontecimentos os mais variados e todos de real e vivo interesse para o leitor. A segunda página é toda reservada à informação dos acontecimentos nacionais e da cidade, sem deixar de trazer uma ou outra notícia do exterior.

Vê-se, daí, a enorme vitalidade que o jornal possuia desde o seu primeiro número, vitalidade essa que só aumentando gradativamente com a inserção de novas seções. Seu tamanho, mais reduzido do que o dos outros jornais, facilitava a leitura. O rodapé da primeira página, o chamado "folhetim", apresentava artigos de autores variados. Inaugurando o jornal, o de Luis Senior, pseudônimo de Ferreira de Araújo, em que ele declara a desnecessidade de um programa de trabalho, pois o programa da seu grupo de jovens é o próprio espírito do grupo, a maneira de ser, a moralidade de cada um.

Luis Senior escreveu no n.º 1 e no n.º 6 — os dias intermediários foram preenchidos por outros autores diferentes, nomes desconhecidos até então, todos procurando manter o valor literário da seção e, principalmente, seu nível de elevado interesse. A *Gazeta de*

JOAQUIM SERRA

Vera Margarida Faria

Nascido no Maranhão em 1838, Joaquim Serra é um dos mais eminentes representantes de sua terra no jornalismo crioulo.

Dotado de grande exponencial e fluência de estilo, escreve, além de oportunas crônicas e críticas em jornais, expressivas peças de teatro e poesias de comovedora delicadeza.

Infelizmente são escassos os dados biográficos a seu respeito. Sabe-se que se dedicou à política e que, neste terreno, foi um ardoroso defensor da liberdade dos escravos. A modéstia, porém, que possuía em demasia, travou-lhe, muitas vezes, o acesso ao luminoso caminho da glória e do renome popular.

Mais do que isso, entretanto, o maranhense havia conseguido: a amizade incondicional, o apoio sempre presente e a sinceríssima admiração de Machado de Assis. Assim se expressa nosso grande escritor a respeito do valoroso amigo:

— "O Torres Homem é insigne em tudo; mas, como maremota, ninguém imagina o que seja. Só vendo..."

Sobre sua vida íntima, ao lado de vida austera do homem público, contam-se fatos interessantes. Sobre sua elegância, conta Humberto de Campos "Brasil Anedótico" (pág. 19, fato recolhido das "Reminiscências" de Taunay), que certa vez Sales Torres Homem aconselhava aos amigos:

— "É preciso não deixar aos medíocres e tolos sequer essa superioridade: trajarem bem. As exterioridades têm inquestionável importância".



Vera Margarida Faria

Serra possuia a virtude do sacrifício pessoal e muito cedo a aprendeu e cumpriu: era modesto até a reclusão absoluta"; sobre o estilo, prossegue Machado: "Suas idéias saiam totalmente endossadas por pseudônimo".

A um tresloucado e criminoso é muitíssimo mais fácil dar logo cabo de qualquer maltrapilho, do que simplesmente desrespeitar das insignias de alta posição social. Conturba-o a certeza de que esse insulto será incontinentes punido pelas leis e pelas autoridades".

Respeito de seus hábitos como apreciador da boa mesa, conta, ainda Humberto de Campos "Brasil Anedótico", pág. 29, recolhido da mesma fonte, a anedota de que, certa vez, em um banquete, Torres Homem aconselhava a um seu vizinho de mesa:

— "Não coma do pão se não a cede, meu amigo: — o miolo incha logo no estômago e ocupa lugar que pode de ser mais bem preenchido!"

Fora da banca, pois, esse jornalista brilhante, esse dinâmico extraordinário que encheu de alvorço a vida do segundo império brasileiro, fustigando a Corôa e, sobretudo, a família Bragança, era uma personalidade encantadora, poliedrica, estampando, em cada face, uma individualidade diferente, sem, entretanto, diminuir no conjunto, a sua estatura.

GALERIA JORNALISTICA

Novelas inclui-se, pois, como um jornal acessível aos leitores e capazes.

Tivemos a imagem de Ferraz de Araújo dentro do Jornalismo, sua ação e sua importância como revolucionário e precursor. Para completá-la recorremos ao Jornal de São Paulo: "A História vê-la e amanhã, como um dia de liberdade, de consciência, a liberdade de cultura e o casamento civil; e a pé firmes, de certeza em destinação, desde a redenção do cativado até a claridade da República."

Passemos agora a estudar o jornalista em seu aspecto profissional, particular.

Quanto às suas fontes para este estudo: as duas séries que Araújo manteve na *Gazeta de Notícias*, "Balas de Estilo" e "Macacinhos no Sótão", e duas coleções de artigos seus, uma publicada na *Revista Brasileira* e outra reunida no livro *Cousas Políticas*.

— *Balas de Estilo* — Duas hipóteses podem ser consideradas sobre a interessante seção. Ou os assinantes, reconhecendo-se, assimilavam as crônicas com pseudônimos variados, usando cada um pseudônimos diversos, ou, a exemplo do número de colaboradores naquela seção, Na segunda hipótese, seria *Balas de Estilo* uma dezenas seções em que escrevem todos aqueles que puseram ali juntas interessante ou piores a comentar.

Basei estas hipóteses no elevado número de pseudônimos encontrados tão somente no ano de 1888, schessness pela maior constância: Bob (alves Olavo Bello para éste um dos seus pseudônimos), Gui (Figueiredo Figueiredo), Zig Zag, Ly (Manuel da Rocha, Ribeiro (Hortílio Chaves), Zezé (Machado de Assis), Lulu Sávio que é Ferreira de Araújo.

Nesta seção tão ilustra, as crônicas de Lulu Sávio interessam entre as mais interessantes e bem escritas.

— *Macacinhos no Sótão* — Também da *Gazeta de Notícias*, esta seção pertencia exclusivamente a Ferreira de Araújo que assinava José Telmo. Apesar de não ser uma seção diária, como indicam as bibliotecas, impressionante por mostrar a atividade de Araújo, um homem que é proprietário e diretor, que se entrega ao trabalho diário e estafante de seu mestre mestre, ainda, com brilho incomum a representação do jornal nos círculos políticos, sociais e literários, interessante em chamar para junto de si os nomes de valor, citando o grupo de redatores mais ilustre que um jornal possuia, lança quase diariamente, e em certas ocasiões diariamente o seu artigo, sem que deixasse, uma vez sequer, o nível de interesse dos assuntos que sabia interessar o leitor. A felicidade da escolha pertencente a vivacidade e espontaneidade do estilo, que compõem o verniz de interesse e graciosidade dos artigos. Temos que concordar com aquela que disse: "Deixa aí de fundo com a familiaridade do burguês, de paletó, branco e chincra de tapete, a discretear de pés do jantar" (Zeca, em *A Semana*, 13-6-1885). Esta vantagem, apesar de altamente maliciosa, é contudo.

— Lúcio. O estilo de Araújo caracteriza-se pela simplicidade e despego às imagens refinadas, literárias. E vamos encontrar essa mesma opinião em um espírito despidos de malícia, expressada de maneira mais generosa e mais brilhante: "... do seu estilo chão, persuasivo, suavemente lúmico, esmagado de espírito em laivos eriados, em preciosas pepitas de ouro, se derramava a mais amável das qualidades humanas: a vovozinha." Rui Barbosa, em *A Imprensa*, 22-8-1900.

Agora, que já tivemos uma ideia do estilo de José Telmo, vejamos um exemplo daquele tom jocoso e irônico que revestia os seus artigos:

— Parece que finalmente acabou em paz a questão que ia dando que fazer ao ministério da guerra. No dia do Ano Bom, uma porção de oficiais foram de bonde — o Sr. Ministro mora longe — cumprimentar S. Ex. e declarar-lhe que estimavam muito que o digne cavaleiro tivesse boas saídas e melhores entradas. E' certo que alguns oficiais descontentes deixaram de associar-se aos seus colegas, e foram visitar S. Ex. no dia 2; os que restavam, ou que tinham o Sr. Alfredo Chaves positivamente atravessado no garganta, esses só compareceram no dia 3. (Macacinhos no Sótão, 1886).

Resta agora estudarmos as duas coleções de artigos políticos. Destas, temos o livro *Cousas Políticas* e a seção *A Política*, mantida na *Revista Brasileira*.

Basta estabelecermos a diferença entre um jornal e uma revista refinada, como a "Revista Brasileira", para percebermos a diferença entre aquelas duas coleções de artigos. Na primeira, encontramos o verdadeiro cronista político; na segunda, Araújo revê-se, além de jornalista, um analista profundo e um escritor de mérito.

Cousas Políticas é uma coleção de quarenta artigos, saídos na *Gazeta de Notícias* de 19 de Março a 31 de Dezembro de 1888, e reunida em um volume de 252 páginas.

Foi por este importante luto que travamos conhecimento com o estilo de Araújo como cronista político. E a grande importância daqueles artigos está nisto: mostram o que é um verdadeiro cronista político. *Cousas Políticas* são um modelo para todo aquele que tiver inclinação para esta difícil e espinhosa função jornalística. O cronista possui, antes de tudo, aquela vivacidade imprescindível a todos o que se propõe comentar ou criticar, vivacidade que se expressa por uma tenua trama na maneira de observar os fatos. Esta ironia delicada se transforma em extraordinária energia no momento em que, abandonando o ar prazenterio de costume, o jornalista assume uma linguagem severa no julgamento dos atos e pessoas. Ao atacar, criticar uma coisa que lhe pareça errada, essa energia mais se exalta e, dentro do ar sério, quase solene, nota-se o brilho de um entusiasmo reprimido, que o cronista não quer deixar transparecer.

Mas isto é raro, pois o tom irônico é o que o pre-

domina. A ironia exige um edema menor de palavras. O entusiasmo, maior derramamento. A ironia é, pois, mais frequente. Damos aqui dois rápidos exemplos: — comentando a nomeação do conde d'Eu para comandante dos nossos exércitos no Paraguai: "O Sr. conde d'Eu é marcheiro do exército brasileiro pelo ato de bravura que praticou vinda para o Brasil".

Sobre a viagem de D. Pedro II no Rio Grande do Sul: "Os círculos políticos estão muito preocupados com a viagem do Imperador. Se ele viajar em julho, temos conservadores em malo."

— A *Política* — Ferreria de Araújo iniciou em Janeiro de 1888 a sua colaboração na "Revista Brasileira". Já no número daquele mês maio o primeiro de uma série de artigos que formaria a seção chamada *A Política*. Este primoroso trabalho trata do litígio com a Inglaterra sobre a ilha de Trindade.

Durante o ano de 1886 publicou sistematicamente os seus excelentes artigos, de que sobressaem os seguintes:

— o de Abril, em que combate a intromissão do exército na causa política, prevenindo a nação contra o militarismo que desponha;

— o de Outubro, primoroso como lógica e argumentação, sobre a questão da divórcio. Demonstra a contradição entre a legislação civil do casamento e a política ditada pela Igreja.

Finalmente, a 14 de março de 1887, saiu o último trabalho, versando sobre a derrota de Moreira César na revolta de Chuiú, trabalho que encerra, assim, aquela primorosa série de 29 artigos.

A reunião dos principais estudos de *A Política*, de livro *Cousas Políticas*, das melhores crônicas de *Balas de Estilo* e *Macacinhos no Sótão*, poderia formar um magnífico volume, revelando para as gerações futuras a obra de um dos nossos maiores jornalistas, obra que ameaça se extinguir no amarelecimento das velhas coleções de jornais.

Além, não é Ferreira de Araújo o único dos nossos grandes publicistas de quem se deveria publicar a obra. Ao lado dele temos um Evaristo da Veiga, um João Francisco Lisboa, um Gonçalves Lédo, um Laiz Gamm, além de muitos outros que poderiam ser reeditados, um Joaquim Nabuco, um João Ribeiro, um Laet, formando uma galeria enorme e fulgurante, que se imortalizaria com o grande precursor e mestre Hipólito da Costa. Ele é e de sua obra já disse Silvio Romero, referindo-se a este mesmo assunto: "ainda hoje seria possível, dentro a massa enorme do *Correio Brasileiro*, escolher vinte ou trinta desses artigos decisivos, publicá-los em livro e ter assim à mão o encanto do poema do grande homem."

Fazemos isso, não com um, mas com todos esses espíritos majestosos, que teremos criado, para o mundo, a epopeia do pensamento brasileiro.

EM TÓRNO DE EVARISTO DA VEIGA

Jefferson Barata

Seu nome Evaristo da Veiga é desassombrado publicista da Regência, o título de patriarca da imprensa brasileira. E verdade que Hipólito da Costa iniciou a publicação do seu "Correio Brasileiro" quando Evaristo era ainda uma criança e que o Brasil muito deve à obra levada a cabo pelo exaltado mago nas colunas do mensário editado em Londres. Cumprapre, não esquecer que Hipólito fez o seu jornalismo a rebento de perseguições, ameaças e represálias outras, sob a proteção das leis inglesas, chegando, para isto, no extremo de naturalizar-se cidadão do país que o acolhera. Tudo muito sólido, pois se tratava de um jornal redigido, composto e publicado em Língua, embora em português e sob a direção de um brasileiro.

Antes de surgir, em 1827, a "Aurora Fluminense", que um ano depois passaria a ser inteiramente redigida por Evaristo da Veiga, publicou-se no Rio, é certo, verdadeiro chorilhão de folhetos e panfletos entre os quais abrigava a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o *Diário do Rio de Janeiro* e a *Magnata*. Mas Frei Tibúrcio, Zefiro, Vito Méreles e Luiz Augusto May eram todos três portugueses. Joaquim de Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo, assim, revelaram-se grandes jornalistas através do seu *Revérbero Constitucional Fluminense*, mas o jornal apareceu apenas durante um ano, morrendo, por assim dizer, no nascimento.

Filho de modesto profes-



Jefferson Barata

sor, Evaristo da Veiga teria em casa, desde cedo, o mestre dedicado que o iniciaria no convívio das letras. Aperfeiçoou, depois, os seus conhecimentos de línguas estrangeiras, bem como de retórica e poético, concludindo, ainda, graças a Frei Marcelino de Santa Matilde Buenos, o curso de filosofia racional e moral, no Colégio de São José.

Trabalhando, de início, ao lado do pai e do irmão mais velho, na loja de livros situada na Rua de S. Pedro, Evaristo resolveu, pouco depois, instalar-se por conta própria e fundar, na então Rua dos Pescadores, uma livraria que iria abrir de par em par, ao talentoso jovem, as portas da política e do jornalismo.

As referências desairosas à sua origem humilde, longe de abater-lhe o moral, apenas reforçavam sua decisão de lutar pela concretização dos ideais cujo ger-

me lhe fora inculcado no espírito desde a mais tenra idade, através do exemplo paterno. Sabia muito bem o quanto incansável batalhador que a obscuridade do nascimento não pode oferecer obstáculo a quem se ve animado por irrepreensível vontade de vencer e de ser útil à sua pátria.

Foi fundador da Sociedade de Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, que tão saliente papel viria a desempenhar no cenário político da época.

Na Aurora Fluminense

Evaristo passou a ser o intérprete dos anseios de independência do povo brasileiro. Batalhou, sendo certa vez, quando mais quente a peleja, agredido por um apagado que lhe desferiu um tiro no rosto, bressolado narrada pela própria vítima nas colunas de seu jornal:

"Fomos feridos poucos

abaixo do olho esquerdo e três das pessoas que ai se achavam mais ainda do que nós, recebendo o sr. Padre Cândido Martins da Costa,

oficial da Secretaria da Guerra, dois quartos de bala na cabeça, o sr. Engenho José Dias, negociante do Rio Grande, quatorze bagos de chumbo no braço, e o sr. Francisco Maximino de Souza, caixeteiro do estabelecimento, duas feridas no peito, outras em uma mão e sobre o olho. Felizmente nenhum perigo; porque os tiros não profundaram,

talvez em razão de ser a pistola carregada em demasia; que a saliva cega os homens e até os golpes de seu furo".

— Não foi difícil a Evaristo

concluir que a iniciativa do crime só podia ter partido de Martinho Francisco, irmão de José Bonifácio.

De qualquer forma, o atentado só serviu para alargar o renome do nosso político-jornalista.

Manoel Bonfim faz restrições injustas a Evaristo, acusando-o de agir, em política, com a honestidade, a si-audiá e as precauções de um vendeiro arvorado em jornalista doutrinador. Negou-lhe originalidade, mesnosprouz-lhe o talento. Viu no grande lutador um temperamento tibio, um moderação que exigia a comédia em ideal, alienando entusiasmo e defendendo seu convicção.

Veja-se, entretanto, na Aurora Fluminense de 17 de outubro de 1832, a forma violenta, candente, com que Evaristo faz o inventário da obra de Pedro I — "uma resumida resenha dos títulos que tem D. Pedro à nossa gratidão" — e logo se verifica que a profunda moderado do jornalista nada tinha de moderado.

— "uma resumida resenha dos títulos que tem D. Pedro à nossa gratidão" — e logo se verifica que a profunda moderado do jornalista nada tinha de moderado.

Evaristo foi, sim, um homem equilibrado, refletido, mas que nem por isso deixava de exprobar com veemência a iniquidade onde quer que a encontrasse, ainda mesmo na pessoa do Imperador.

As páginas do seu jornal constituem um espelho de sua incansável atividade em prol da pátria que tanto amou. Eleito, três vezes deputado, representante da província de Minas Gerais na Câmara Geral, conseguiu, graças à honestidade de seus propósitos, impôr-se à admiração dos próprios adversários.

Participou ativamente dos acontecimentos que culminaram na revolução de 7 de fevereiro e na instituição da Regência. Como a nação se mostrasse surpresa com a abdicação do Imperador, de quem esperava ouvir uma manifestação de ministério, criou-se uma situação para a qual os espíritos não se haviam preparado. Tendo-o que a sucessão dos acontecimentos pudesse lançar o país na mais completa anarquia, viu-se Evaristo levado a se manifestar, à primeira vista paradoxalmente, pela continuação da monarquia constitucional, em oposição aos seus aliados da véspera única maneira de evitar que o Brasil se desintegrasse.

A Aurora Fluminense governava descrecionariamente a opinião pública do país, o que fazia de Evaristo um mágico, um taumaturgo, aos olhos de seus adversários. Como explicar, de outro modo, que um simples livreiro chegasse a exercer tamanha influência sobre o povo, guiando-o como a um rebanho de carneiros?

Fechando, em 1837, o seu jornal, encerrou Evaristo, doente e cansado, as suas atividades políticas.

A par de jornalista e político, foi ele um apaixonado da literatura, podendo mesmo considerar-se um dos primeiros cultores do romantismo no Brasil. Recorrida à vida privada, com poesias patrióticas, uma Ode à Grécia, poesias vârias, e traduziu, para o português, a História do Brasil de Armitage.

Teve grande jornalista morte prematura, faleceu, em 1837, contando apenas trinta e oito anos de idade.

GALERIA JORNALISTICA

JOÃO RIBEIRO

Ajude-me escrever sobre João Ribeiro.

E' como se tivesse entre as mãos um cérebro e um coração amalgamados, e dêdes desvendando os mistérios latentes, chequasse a essência do bem, e a chispa criadora do gênio.

Porque nele tudo era bondade e sabedoria.

Foi sábio, foi poeta e talvez santo!

Veio do nordeste, desse nordeste brasileiro onde inteligência e produtividade nacional são a mesma coisa.

Aqui chegando, embora muito jovem, já trazia na sensibilidade e nos ouvidos a ressonância da poesia de França, cujos poetas modernos o haviam empolgado sobremaneira. Vinham, também, os seus primeiros versos.

Mas o autor de "Tenebrosa Lux", "Dias de Sol", "Versos" e "Musson", deixa-se atraír pelo fascínio do magistério. Ensina e estuda.

Aprende o grego. Domina o idioma alemão. Dedicava-se à filologia. E' a sua fonte de pesquisas, dando como resultante os magníficos "Estudos Filológicos", reunidos em compêndio. Dele foram publicados ainda um Dicionário gramatical, vários outros livros, como as "Curiosidades verbais", e gramáticas, propriamente ditas.

O talento de João Ribeiro, todavia, não se deteve só: de acervo de conhecimentos adquiridos e condensados: das perscrutações incessantes de gabinete, rebatizando datas e fatos, havia de surgir o historiador e as suas obras excelentes: — História Universal e História do Brasil.

Inteligência versátil, ao serviço de um espírito inquieto, não renunciava às observações científicas, aprofundando-as e divulgando-as largamente. Qual o veículo?... — A imprensa diária.

João Ribeiro fêz do jornal sua catedra de ciência, contribuindo generosamente para a cultura de quantos lham com avôs os seus incomparáveis artigos. De tal matéria, saíram dois volumes encantadores: — "Colmeia" e "Notas de um Estudante".

Era um enamorado das artes.

A primeira vista, lembrava um filósofo. E quem nos dia que não o fosse?... Psicólogo, era-se seu divânia. Sua austeridade aparente dissipava-se, ao revelar-se o narrador inimitável, exímio no humorismo e sutil na ironia. Sabia manejá-la malícia com habilidade e graça. Em "Cartas devolutivas" e no seu extraordinário livro "Floresta de Exemplos" são flagrantes as qualidades do escritor primoroso que foi João Ribeiro de Andrade Fernandes.

Romancista, criou tipos dignos de serem meditados, com os

Zulmira Amador Colpaert

romances "Recordações de D. Quitéria" e "A vida do Padre Antônio".

Foi o pioneiro do folclore no Brasil. Deixou-nos encantar nesse encantador de lendas, no labirinto de histórias encantadas, recolhidas em sua imaginação rica e transbordante dos costumes e usos brasileiros. Esses conhecimentos, transmitiu-os em conferências.

Exerceu a crítica e soube fazê-lo com rara felicidade e tato. Não que fosse indulgente por princípio e raciocínio, conforme alguns o dizem; mas porque possuía esse dom natural de ajudar com sáber e medida.

Exultava diante do bom e do belo.

Defrontando-se com um material mediocre, só fazia isto: não desanimar quem o produzia.

O que ninguém pode afirmar é que João Ribeiro, publicando um trabalho acompanhado de excelente comentário, só a interferência nem o pedido do autor, o fizesse por magnanimidade.

A sinceridade era um anspâgio que lhe adornava o caráter. Conheci uma menina da qual cheguei-lhe as mãos um soneto. Quem não faz um soneto aos dezessete anos?

Dessa menina nunca mais tive notícias; ficou-me apenas o soneto. Ela:

No puro céu azul da minha mocidade,
Qual outro sol radios, imenso, onipotente,
Outra fulgora sanguínea, forte, ardente,
O que hoje é uma ilusão, o que hoje é uma saudade!

Ilusão que não morre, e se expande, e irradia
Toda feita de dor, retratada no pranto...
Saudade! cala o mundo a angústia do teu canto!
Coração! veste a dor com risos e harmonia!

Formosa onda de amor que a minh'alma abrasaste.
Por que do frio ocaso em que te despenhaste,
Reavivas, em mim, ainda os teus clarões?

Sanguínea hóstia de lus que me embalsama a vida.
Se em vão canta e soluça o luar da despedida,
Por que não comungaste os nossos corações?...

João Ribeiro entusiasmou-se. Chamou-a de poetisa, de público. Mas a menina, ao que parece, não soube aproveitar-se da oportunidade. Ou, quem sabe, ela não gostava desse nome no feminino?...

A SAÍDA DE As Obras Completas de Amadeu Amaral

Hoje iniciamos a nova fase de Autores e Livros — em Junho deste ano — parecia-nos possível fazer passar a publicação a semanal. A experiência, porém, aconselhou-nos a que mantivéssemos o ritmo quinzenal, que é muito mais econômico e, para uma publicação da natureza da nossa, histórica e cultural, muito mais seguro.

Já agora, portanto, deliberamos conservar para Autores e Livros o ritmo de saída quinzenal. Alterarei, i. de alguma forma, o seu sistema de datas: ao invés de datar os números saltadamente, nos domingos, como o fazíamos até agora, vamos datá-los dos dias 1.º e 15.º de cada mês. Assim, cada volume, correspondendo a um ano, ficará formado de 24 números, dois saídos cada mês.

O IPE — Instituto Progresso Editorial S/A tomou uma iniciativa que só há de merecer o apoio e o aplauso de todos os que no Brasil amam a cultura: a publicação das *Obras Completas de Amadeu Amaral*.

A preciosíssima série, que foi organizada por esse raro espírito de homem de letras, de homem de ação, de homem de coração, que é Paulo Duarte, constará de dez volumes, cada um deles com as suas quatrocentas e poucas páginas. São os seguintes os volumes que formam as *Obras Completas de Amadeu Amaral*:

- I. *Traduções Populares* (que acaba de sair).
- II. *Diálogo cátara*.
- III. *Poesias completas*.
- IV. *Político Humano*.
- V. *Letras Floridas*.
- VI. *Brise*.
- VII. *Arredores da crítica*.
- VIII. *Memorial de um passageiro de bondé*.

de Amadeu Amaral

IX. *Elogio da Mediocridade*.
X. *Correspondências*.

E' provável que no decorrer destes anos mais próximos estreite toda a obra de Amadeu Amaral publicada. Então poderemos ver colocada na posição real que deve ter em nossas letras a figura daquele poeta e prosador cheio de tantas qualidades, daquele a quem a Academia Brasileira de Letras deu a gloriosa sucessão de Olavo Bilac na imortalidade.

UMA COLEÇÃO DE AUTORES & LIVROS SORTEADA ENTRE OS ASSINANTES

Está de pé a promessa que, a partir do n.º 1 dessa nova fase, fizemos aos nossos assinantes no próximo dia 20 de Dezembro, ao assinante cujo número de assinatura corresponder ao bilhete do grande prêmio da Loteria Federal, será oferecida uma coleção completa — oito volumes — da primeira fase da *Autores e Livros* (Agosto de 1941 a Março de 1945). Esta coleção, como se sabe, é vendida hoje a preços que vão até nove e dez mil cruzeiros.

UMA RECEPÇÃO ACADEMICA

No próximo dia 15, abrirá a Academia Brasileira de Letras as suas salões para a recepção do Sr. Aníbal Freire. O novo imortal vai substituir, sous la coupole, o saudoso Roberto Silmonson.

O Sr. Aníbal Freire será saudado pelo Sr. João Neves da Fontoura.

CHATEAUBRIAND NA ACADEMIA

A Academia Brasileira de Letras comemorou na quinta-feira, 25 de Novembro findo, o centenário do falecimento de François-René de Chateaubriand.

Palavramento o presidente Adelman Tavares, abrindo a sessão, e os Srs. Alencar Amoroso Lima e Celso Vieira, exaltando o gênio e a obra do grande escritor francês.

A CARNEIRO LEÃO RECEBEU A LEGIAO DE HONRA

Na tarde de 24 de Novembro passado, abriram-se os salões da Embaixada Francesa no Rio de Janeiro para uma justa homenagem ao Sr. A. Carneiro Leão, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor nosso patrício da Insignia da Universidade do Brasil. Constituiu a cerimônia na entrega ao nosso patrício da insignia da Legião de Honra, que acaba de lhe ser conferida pelo governo da França.

CLASSICOS JACKSON

A editora W. M. Jackson Inc. presta agora novo e relevante serviço ao Brasil: empreende a monumental edição daqueles que chamou os Clássicos Jackson.

Os Clássicos Jackson constituem uma galeria de 20 volumes, abrangendo autores que valem como uma verdadeira e feliz síntese do poder de criação espiritual dos homens, desde o alvorecer da civilização ocidental até aos nossos dias.

SELEÇÕES DE BERNARD SHAW

A Companhia Melhoramentos de São Paulo vai lançar, em breve, em traduções de bons autores brasileiros os mais belos trabalhos de Shaw.

Entre aqueles que já estão sendo traduzidos e que dentro de pouco tempo deverão aparecer nas livrarias, contum-se os seguintes:

"Pigmalião", "Saint Joan", "Candida", "César e Cleópatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man of Destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Mujer Barbara".

Mais um sucesso, portanto, das Edições Melhoramentos, em seu grande esforço no sentido de enriquecer a cultura brasileira.

cujos capítulos serão da responsabilidade de um grande crítico e de um grande historiador. E, pois, um empreendimento do maior alcance cultural e social.

Daqui nos permitiríamos fazer aos ilustres organizadores desse excelente plano uma pequena sugestão: por que não procuram incluir na série a "História da Literatura Inglesa", de Taine, obra clássica, modelo da melhor crítica e da melhor informação?



UNIVERSAL

Tenêve

RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISAO

A VENDA NAS BOAS CASAS

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telexograma: COPER — Caixa Postal: 487
Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo de país e do exterior

AMAZAENS PROPRIOS PARA RECOLHER: AS
RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — FERNAMBUCO — BRASIL
Emissário no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 5 - 331
Em São Paulo: — Rua Alvaro Penteado N.º 180 a/389

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:

Diretor-Presidente: José Peade de Queiroz; Diretor-Tesoureiro: Willyd Russel Shorto; Diretor-Secretário: Fileno de Miranda.

Diretores: Joaquim Bandeira e Mario Monteiro.

A VIDA DOS LIVROS

Momigliano, Attilio — *História da Literatura Italiana*. Instituto Progresso Editorial. São Paulo, 1948, 508 págs.

Que maravilhoso panorama do gênio e da poesia humana, este, que desenrola nos nossos olhos a *História da Literatura Italiana*, de Attilio Momigliano! E' o panorama daquilo que, na ordem espiritual e na ordem literária, simboliza propriamente a luz e o ritmo, a música impecável e divina. E' — da luz, da musicalidade — foi em todos os tempos o apanhado da alma italiana. A alma coletiva de cada povo (aludimos, é claro, aqueles povos que têm tido o seu papel específico no concerto da civilização) contribui para a harmonia geral do espírito humano com um toque que lhe é peculiar. Israel contribuiu com a idéia monotheista na Religião; a Grécia com a idéia da Beleza, a da Razão, a da Moral; Roma com a exaltação da Justiça, com a paixão do Direito; os povos germânicos com a densidade da abstração filosófica e com a profundidade da poesia lírica.

Proseguindo nesse balanço a contribuição de cada povo, pudemos dizer que no italiano coube a parte da beleza e do ritmo verbal. E o exame dessa valiosa contribuição que em última análise achamos aqui, na obra de Attilio Momigliano.

Sua *História da Literatura Italiana* reflui naturalmente às fontes: inicia-se pelas alturas do século V, (ou mesmo antes), quando nas antigas terras do Império Romano existe alguma coisa que não é ainda a língua italiana, embora já não seja a velha língua latina. E' essa uma fase difícil a qualquer estudo, vaga, quase sem documentação, obscuríssima. A literatura que nela floresce pertence antes à história do pensamento religioso do que à história do pensamento literário. E' a época dos Tertulianos, dos Prudêncios, dos Agostinhos. A noite é ainda densa, mas já será possível a um olhar arguto e sutil adivinhar que, de acordo com a bela imagem homérica, para além dos horizontes dos dedos cor de rosa da Aurora começam a abrir nos céus os esplendores de uma nova luz. Não tardam a modificar-se os aspectos literários da formosa e sempre poética Itália: já no século XII vão surgindo os vários dialetos em que se irá repartir o país. Surge o genovês, em que uma paroquiana disputa com o trovador provençal Rambaldo de Vaqueiras; surge o napolitano, o toscano. E, porém, ao século XIII que vai ser dado o privilégio de assistir ao grande milagre da consolidação e da definitiva vitória de uma das coisas mais belas do mundo — o idioma italiano. E' nele que entre tantos outros esplendidos poetas, encontra expressões para o seu pensa-

mento — que é o pensamento mais próximo de Deus que floriu no mundo desde Jesus — o maior dos poetas humanos, S. Francisco de Assis. E' já no italiano que ele compõe o seu maravilhoso *Canto de todas as Criaturas*:

Altissimo onnipotente bon signore, tue so le laude la gloria e l'onore e onne benedictione a te solu altissimo se konfanno e nullu homo ene dignu te mentovare.

Laudatu si mi signore cum tucte le tue creature, spicilmente messer lu frate sole, lu quale la giorno alumeni per nui, e illu è bello e radiante com grande splendore: de te altissimo porta significatione.

Laudatu si mi signore per sora luna e le stelle, in celu l'au formate clarite e pretiosse e belle.

Laudatu si mi signore per frater vento, e per aere e nubilo e sereno e onne tempo per le quale a le tue creature dat sustentamentu.

Laudatu si mi signore per sor aqua, la quale è multo utile e humete e pretiosa e casta.

Laudatu si mi signore per frater focu, per lu quale n'allumeni la noite e illa è bello e iocondo e robusto e forte.

Laudatu si mi signore per sora nostra madre terra, la quale ne sustenta e governa e produce diversi fructi e colorati flori e herba.

Laudatu si mi signore per quilli ke perdonano per lo tuo amore, e sostengo infirmitate e tributazione: beat quilli ke sotterrano in pace, ka da te altissimo sianron incoronati.

Laudatu si mi signore per la sora nostra morte corporale, da la quale nullu homo vivente po skampare: qual a quilli ke morrano in peccato mortale; beat i quilli que se trovará no le tue sanctissime voluntati, ka la morte secunda non il poterà far male.

Laudate e benedicate lu mi signore e rengrialate e servite a lui cum grande humilitate. Amen. Mas é certo que aquela que personifica toda a glória do espírito italiano dessa hora inicial é o Poeta Supremo: é Dante Alighieri. Nascedo em 1265 e falecendo em 1321, ele foi, se assim podemos dizer, um como portador da luz — foi o Prometeu que, emergindo das fechadas trevas de um século em que a Itália parecia ainda informe, veio revelar os deslumbramentos da alma de sua nacionalidade ao novo século, aos séculos futuros. Nos cinquenta e seis anos que peregrinou na terra, Dante teve os seus dias cheios de sofrimentos, de dores, das más amargas deceções. Momigliano detém-se, como o desejariam todos os seus leitores, na obra e na figura do poeta soberano, e mostra-nos o fecundíssimo influxo que para a criação da "Divina Comédia" tiveram

as injustiças dos contemporâneos de Dante. "Sem o exílio (diz-nos o historiador) o colorido político da 'Divina Comédia' teria sido bem diverso. O pessimismo sobre os destinos do mundo e particularmente de Florença, mesclado à esperança num libertador que depois se transforma numa esperança extra-terrena, teria sido modificado um pouco. se Dante não houvesse sido tão longamente um exilado... Sem o exílio os males de Florença lhe pareceriam menos graves e menos tristes; se tivesse escrito o seu poema em Florença, de Florença teria falado muito menos. Teria receado fazer um poema municipal. Porque é destrutivo, não é tauricismo a frequente menção a Florença, mas sim, insistência de quem perdeu algo precioso."

A parte da obra que o historiador dedica a Dante é por si mesma uma completa obra, na qual vemos analisado em todos os ângulos o gênio do poeta. De igual dimensão e de igual importância são tantos outros epíptilos, dos quais infelizmente não o podemos tratar aqui mais longamente, dada a extensão que já tomou este artigo. Não nos furtaremos, porém, a indicar como outros tantos estudos dignos da meditation do leitor apalhondado pela poesia e pela criação literária, as páginas dedicadas a Boccaccio, a Tasso, a Leopardi, a De Sanctis; e, no lado das, os capítulos de síntese, abrangendo perspectivas amplas de épocas ou histórias literárias, como aquela dedicada ao Humanismo e ao século XV, ou aquela em que se analisa O Espiritualismo e o Misticismo.

A *História da Literatura Italiana* prolonga-se até além do Decadentismo, movimento que tova a sua expressão máxima na figura de Gabriele D'Annunzio. Chega até autores como João Coimbra e Conrado Alvaro (nascidos ambos em 1895). Orio Vergani (nascido em 1899). Artur Jorio (nascido em 1902) e Alberto Maravá (nascido em 1907). São todos novelistas, romancistas, ensaiistas. E o traço que principalmente os caracteriza — diz-nos o autor desta História — é a inquietação.

Esse característico — a Inquietação — (é ainda Momigliano quem informa) encontra-se, como um dos traços essenciais da crítica da Itália de hoje.

Poderíamos acentuar que ele se encontra também na poesia do grande povo que deu à Humanidade um Dante e um Leopardi; é essa inquietação que está na poesia de Ungaretti, na de Pastonchi, na de Fiume, na de Palazzeschi, na de tantos outros poetas da angústia e do desespero dos nossos dias, que infelizmente não figuram ainda na *História da Literatura Italiana* de Momigliano.

Neste tumultuoso e trágico mundo de 1948, ressoante ainda dos gemidos molhado ainda das lágrimas da guerra, mais atroz que o mundo jamais viu, podemos bem compreender que seja de inquietação — e não somente de inquietação, porém também de dúvida incessante, de incessante dor — a corrente mais íntima da poesia e da ficção italiana.

De inquietação, igualmente, de dúvida e de dor, é a literatura do resto do mundo, na hora que passa, qualquer que seja a latitude.

Porque esse lote — o do sofrimento, o do desespero — parece ser o único privilégio real que os amargos destinos reservaram para a desgraçada família dos homens.

— Academia Brasileira de Letras — Gonçalves Dias — Conferências realizadas na Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1948 — 137 págs.

Em 1943, realizou a Academia Brasileira de Letras dois cursos de conferências: o primeiro alusivo a Camões, o segundo a Gonçalves Dias. Foram assim celebrados o maior poeta português e o maior poeta brasileiro. Quanto à tese de ser Camões o maior poeta português, parece ser pacífica; embora existam críticos ou leitores pouco reverentes diante da luminosa obra do poeta de Vasco da Gama, críticos e leitores esses que tendem a dar a supremacia na poesia portuguesa a um Antero, a um Juncqueira, a um Nobre ou a um Fernando Pessoa.

No Brasil, porém, a tese do maior poeta tem sido longa e repetidamente debatida. Muitos dão essa glória a Castro Alves, outros a atribuem a Olavo Bilac, a Cruz e Souza, a Luiz Delmão. Parece, porém, que é mesmo Gonçalves Dias quem receberá, num concurso destinado a afirmar tal efeito, o maior número dos sufrágios.

Este livro, pois, encerra a série de conferências que em 1943 ouviram a Academia, acerca de Gonçalves Dias. As palestras ali realizadas ficaram valendo como um curso completo acerca do grande poeta. Viriato Correia, que abriu a série das conferências, pintou com o seu estilo impulsivo e irreverente, o grande panorama dos amores do poeta; Gustavo Berroso narrou a morte dele, a bordo do "Ville de Boulogne", naquela triste e malfadada viagem de regresso à pátria. Nessas duas conferências ficou fixado o lado propriamente biográfico de Gonçalves Dias.

Ao lado das duas, porém, vieram quatro outras conferências, nas quais são debalados e estudados aspectos mais espirituais de Gonçalves Dias: o seu ideal de indianista, fixado por Pedro Calmon e Roquette Pinto; as relações dele com o Romantismo, traçadas por Guilherme de Almeida; os segredos de sua caprichosa

arte poética, desvendados por Manoel Bandeira.

Temos, assim, um simples e luminoso panorama, no qual se descontam a vida, a figura e a obra do poeta maranhense.

Pudesssem todos os grandes poetas nacionais, aqueles que de fato expressaram as aspirações, os sonhos, as angústias e as dores de nossa alma coletiva, merecer da Academia homenagens semelhantes a essa!

— Castro, Aloysio de — Discursos. Nova sé. Editora Vecchi. Rio de Janeiro, 1948 — 189 págs.

A obra literária do sr. Aloysio de Castro divide-se em dois ramos principais: os volumes de poesia, e os volumes de orações. Figura de relevo e de projeção nas instituições de que que faz parte — e entre estas, a Academia Brasileira de Letras e a Academia Nacional de Medicina — são numerosas as ocasiões que se lhe apresentam de falar em nome de seus colegas. E com os trabalhos pronunciados em tais ocasiões que lhe vão surgindo esses livros, esses belos livros em que se revela aos nossos olhos um espírito firme, forrado de fundas virtudes construtivas, amigo da tradição, respeitador da grande obra das gerações passadas.

Creemos serem o persistente amor à tradição e o gosto de refletir às belas fontes clássicas, os traços que no mundo literário brasileiro distinguem o sr. Aloysio de Castro, dando-lhe uma personalidade singular e tão simpática.

Filho de Francisco de Castro — grande médico, que sendo também eminentemente escritor soube ter em seu estilo as graças nobres, as louanças de um clássico — o sr. Aloysio de Castro formou o seu espírito nesse rumo de aspiração a uma beleza austera de forma, a uma beleza verdadeira de pensamento. A essas ligações bebiadas no lar, no grande exemplo paterno, vieram juntar-se, em sua adolescência e em sua mocidade, influências igualmente poderosas: ele foi amigo devotado e atento de Machado de Assis, de Ruy Barbosa, de Alberto de Oliveira. Muitas de suas páginas muitas evocativas e comovidas são aquelas em que ele recorda alguma dessas grandes figuras brasileiras, seu pai, que ficou sendo o

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mário Carneiro Leão

ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:

Porto simples Anual Cr\$ 100,00 Semestral Cr\$ 55,00 Trimestral Cr\$ 30,00
Porto registrado Cr\$ 120,00 Cr\$ 65,00 Cr\$ 35,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37.9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2º andar. Fone: 42-5225.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atraçados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13º andar — Fone: 22-9281, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4º andar. Tratar com Artur Farías.

Para números atraçados: os dois últimos pontos acima (além da redação).

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whilaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

A VIDA DOS LIVROS

ídolo mais fulgurante de sua religião literária; Machado de Assis, que, certa vez, quando ele punha acréscimo de determinada casa a observação de que era feia, lhe retrucava: "E' feia, mas é velha"; Alberto de Oliveira, em cujo louvor compôs um longo poema impregnado de tanta saudade.

Aqui, como em qualquer de suas páginas, revela-nos o sr. Aloysio de Castro, a cada página, o seu amor ao passado, o seu gosto do que é tradicional, do que é clássico, do que traz a lembrança dos tempos. Em várias passagens desses *Discursos* está citado D. Francisco Manoel de Melo; em outras está citado o Dr. Manoel Bernardes; em outra Felinto Elio. A escolha desses nomes como autores de leitura diária mostra um duplo aspecto nesses amor ao classicismo que encontramos no sr. Aloysio de Castro: em primeiro lugar, o seu gosto pelos antigos em um ponto de vista geral; em segundo lugar, o seu gosto pelo que é antigo, sendo português...

Prendendo-se à primeira dessas observações, encontramos em seus *Discursos* numerosas referências a autores clássicos de outras línguas: a Plínio, a Voltaire, a Anatole France. Desse último, confidencia-nos o escritor brasileiro que é um autor que lhe agradece cítrar muito o mundo; e o tranco que mais parece seduzi-lo em Anatole France é exatamente o ter sido contemporâneo dos antigos.

Quanto ao amor que dedica aos clássicos portugueses, esse parece ser o característico mais saliente, o mais singularizador da figura literária de Aloysio de Castro. E' ele que explica esse fenômeno de certo raro no nosso mundo literário: que possamos ter como contemporâneos nossos um escritor que já reputamos, em sua vida, um clássico, uma autoridade da boa formata, da boa construção gramatical, que já nos sentimos tentados a citar em pequenas frases, como estêio de verbetes da língua. Que o sr. Aloysio de Castro consegue escrever em um estilo que se apresenta ao de um Bernardes ou ao de um D. Francisco Manoel de Melo, é evidência que ninguém poderá contestar. Veja-se a felicidade destas poucas frases, e digam se não poderiam elas estar na *Nova Floresta* ou nos *Apólogos Hilegais*: "Contentemo-nos então de indicar aos mais novos a entrada dos caminhos, que estão muitos, ameaçados ou ásperos, e se querem caminhados de olhos abertos, cada um como é, com força de esperança. Que se pode prometer nos vassos de oração, que nada espere?"

Essa minúcia pôlida, metida, grata, sempre, que é a do sr. Aloysio de Castro, parece-nos muito apropriada à natureza dos discursos que o orador produz: a essas orações em que tanto vez nos põe diante dos olhos figuras de poetas ou taurinos de sábios; à exposição dessas idéias, às vezes polvilhadas de ironia ou de malícia com as grandes vaidades humanas. Aqui mesmo, nesta colação atual de discursos, temos exemplos de uns e outros: dos primeiros, temos o perfil do Miguel Couto, temos o perfil do dr. Lourenço Jorge, temos o perfil do dr. Arnoz Alvaro; do se-

gundo temos o discurso intitulado *Charlatanismo Médico*, pronunciado na Academia Nacional de Medicina, em junho de 1941. Nessa página, o orador regressa a antigas idéias que lhe são caras: a defesa da medicina como ciência honesta e pura, exercida por espíritos que estejam à altura da profissão que abraçaram; o cláustico, o sarcasmo, para o médico que exerce o seu trabalho como um charlatão. Encerrando os discursos dessa série, achamos a oração em que o sr. Aloysio de Castro, em nome da corporação, celebrou o transcurso do primeiro meio século da Academia Brasileira de Letras. Esta efeméride registrou-se e em 1946, como se sabe, teve o Brasil então ocasião de verificar que se havia realizado o milagre em que parecia não querer o prudente Nabuco: "Se a Academia florescer, os críticos deste meia de século terão razão em ver nisso um milagre..."

O sr. Aloysio de Castro fez uma espécie de exame de conciência da instituição, nestes cinquenta anos de existência. E em certa parte de sua oração mostra que a Academia ainda está muito jovem para pensar em realizar as grandes obras que são, em essência, a sua razão de ser: o Dicionário da Língua, a Gramática, o Dicionário Bibliográfico. Confessamos que nesse ponto não estamos em acordo com o escritor: nunca uma instituição seria jovem demais para um trabalho, fosse este qual fosse...

Contudo, é prudente voltar a ouvir aqui uma outra palavra oracular de Joaquim Nabuco, ainda falando acerca da Academia: — Não há que se apressar nas colas eternas — dizia o grande escritor, que foi o primeiro secretário geral da instituição, então em seu berço infantil.

— Leite, Serafim S. J. — *Curso de Filosofia e Tentativas para se criar a Universidade do Brasil no século XVI*. Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1948.

E' uma separata da revista *Verbum* (t. V, fasc. 3 — junho de 1948). Em suas páginas se contém, a bem dizer, dois ensaios históricos relacionados com a cultura brasileira, e ambos da maior importância. O primeiro diz respeito à criação de uma Universidade em terras brasileiras. Sabe-se que só muito recentemente veio o Brasil a gozar desse privilégio. Era já a Universidade uma realidade mais que secular em outras terras americanas, quando veio a afirmá-la, na década de 1920, em terras brasileiras. Por que tão tardio atraso em gente que espantoso atraso em gente que se presou sempre de culta e inteligente, como brasileira?

Serafim Leite dá-nos agora uma resposta interessantíssima a essa pergunta. Por ela vemos que já em 1862 a criação de uma Universidade era a aspiração dos moradores da Bahia. E' de 20 de Dezembro desse ano a petição enviada pelos baianos ao rei de Portugal para a fundação de um tal estabelecimento. Essa petição foi indeferida, e indeferidas foram várias outras. Percebemos que os velhos centros universitários portugueses, Coimbra, Évora, não consentiam em renunciar a uma parcela de seus agradáveis benefícios, em prol da capital da colônia brasileira, só digna altâa do desdém dos sábios.

Que o Brasil na época da colônia não houvesse logrado al-

cançar tão bela conquista de natureza cultural, parece-nos coisa bem explicável. O que não nos parece explicável é que, proclamada a Independência em 1822, só um século depois viessemos a possuir a primeira Universidade.

A margem desse grande tema, o ensaio de Serafim Leite mostra-nos curiosos assuntos mais miúdos, ligados à evolução da instrução pública em nosso país. Entre estes, por exemplo, o espantoso assunto dos moços pardos. Estes, no Brasil do século XVII estavam proibidos de entrar nas Ordens religiosas, "por motivos que se invocavam contra elas de serem atraídos a rixas e vadiagens." ora, esse fato histórico, que Serafim Leite aqui estuda com tanta minúcia, parece contrariar tudo o que o insolente e rude Gregório de Matos nos conta, acerca da vaidade e da situação privilegiada dos mulatos da Bahia. E parece contrariar também, aquilo que, mais tarde, exilado de Portugal, veio a encontrar no Brasil D. Francisco Manoel de Melo. O que esse grande escritor veio aqui encontrar foi uma pre-excelência tal atribuída às pessoas de cor, que chegou a imaginar um livro que tivesse este título: *O Brasil — Pôrtico de Mulatos, Purgatório de Brancos, Inferno de Negros*. De resto, essa fórmula, descoberta pelo grande autor dos *Apólogos Diálogos*, é a mesma que encontramos registrada em

um expressivo provérbio, que ouvimos outrora, em Pernambuco, o qual diz assim: "Branca na sala, negra na cozinha, mulata na camarinha." *Mulata no paraíso...*, mulata na camarinha... não é tudo indicio da situação de favor, de carinho, de vida cômoda e boa, que as gentes de cor tinham em nosso país?

Na parte relativa aos estudos de Filosofia no Brasil, mostramos Serafim Leite que o Padre Antônio Vieira compusera, entre os anos de 1620 e 1632, um tratado de Filosofia, o que se sabe, com certeza, a primeira obra do gênero escrita em nosso país. Onde, porém, ficou esse trabalho? Até hoje ninguém o sabe. Talvez se encontre ainda perdido em algum reino e empoeirado arquivado da Bahia, do Maranhão, de alguma das muitas cidades em que o grande jesuíta dispersou, para a glória da Igreja e do seu nome, o seu incomparável gênio de orador.

Monteiro, Júlio — *A Luz da Estrela Morta*. Romance. Capa de Santa Rosa. Livraria José Olímpio. Editora Rio de Janeiro, 1948. 314 páginas.

Castro, Mauro de Melo e — *Santinho*. Prefaciado pelo escritor Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras. — Of. Graf. do "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 1948. 80 páginas.

Monteiro, Júlio — *A Luz da Estrela Morta*. Romance. Capa de Santa Rosa. Livraria José Olímpio. Editora Rio de Janeiro, 1948. 30 páginas.

Vital Pacifico Passos — *Zebulon e da Poema heróico-comico*. Rio de Janeiro, 1948. 30 páginas.

Ananádeu Amaral — *Tradições Populares*. Com um estudo de Paulo Duarte. Instituto Progresso Editorial. S. Paulo, 1948. 418 páginas. (É o primeiro volume das *Obras Completas de Ananádeu Amaral*.)

Coordenado para a Imigração Dirigida. Documentos. Orientação Orgânica — Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1948, 120 páginas.

LIVROS RECEBIDOS

Franca, B. J., Leonel — *Obras completas do Padre... II — Igreja, a Reforma e a Civilização*. 5.ª edição. Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora. 1948. 476 páginas.

Shakespeare — *Macbeth — Rei Lear — Tragédias de Arthur de Sales e J. Costa Neves. Prefácio de Artur de Sales. Clássicos Jackson, volume X — W. M. Jackson*



TRADIÇÕES POPULARES, de Ananádeu Amaral — O grande sucesso do dia: a alma e o coração de um povo espelhados na mais íntima e mais profunda de suas vozes: a do folclore. Cr\$ 50,00

OS INDIFERENTES, de Alberto Moravia — O desespero de uma geração infeliz e dramática que se tornou cínica para não sofrer as horas e os minutos. Cr\$ 38,00

HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA, de Attilio Montaglio — O correr dos anos e dos séculos através das letras excepcionalmente cativantes de um povo amante das artes, do sol, da primavera e da beleza. Cr\$ 63,00

BARRIO BLANCO, de José Mauro de Vasconcelos — Na cruz e na selvageria de um espírito perspicaz e seguro veio picar-se a história da calda indolência e rude asperidade dos trópicos. Cr\$ 45,00

IPÉ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Querem enviar-me, por Reembolso Postal, os seguintes livros:
Nome:
Rua:
Cidade: Est:

LEVIATA, de Julien Green — Nas águas turbinadas e complexamente agitadas de um coração burguês-sobressaltado o monstro a um tempo quimérico e horário de paixão trágica. Cr\$ 35,00

CICERO E O SEU DRAMA POLÍTICO, de Maffio Maffii — Como ante o tribuno e o estilista inconfundível da História Clássica abre-se a cortina da política e das lutas intestinas de Roma Imperial. Cr\$ 45,00

TRES IMPERIALISMOS EM LUTA, de Italo Zangheri — A aventura das altas esferas políticas internacionais, retratada em centenares de curiosos e ineditáveis fotografias literárias no palco da Europa de hoje. Cr\$ 35,00

MOSCOW 1979, de Kuchnelt Edidin — Os sonhos do Oriente e Ocidente, Comunismo e Catolicismo, refletidos planetariamente nas vastas fronteiras de um futuro concebido pelo romance e pela ilustração. Cr\$ 40,00



PEREIRA DA COSTA

Francisco Augusto Pereira da Costa nasceu no Recife, em 18 de dezembro de 1861, e era filho de Manuel Augusto de Melo e Maria Augusta Pereira da Costa. Fez os estudos primários no Colégio de N. S. de Bom Conselho. Tinha apenas 16 anos, quando abandonou os estudos para se dedicar ao comércio, como caixeiro de uma livraria do Recife. Quatro anos morejou nessa profissão, que deixou em 1871, para aceitar um modesto lugar nas Obras Públicas.

Em 1884 abandonou o Recife, cidade de sua predileção, e foi para o Piauí exercer o cargo de Secretário do Governo daquele Estado.

Já a esse tempo se tinha afirmado como um grande estudioso das coisas de Pernambuco, como um devotado cultor da história nacional. Em 1876 vira abrirem-se para o recensear as portas do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

Só aos 40 anos conseguiu formar-se em Direito, na Faculdade do Recife, fazendo parte de uma turma que continha nomes como os de Endés Martin e José Euzebio Pereira Texeira e Prado Sampaio, Fábio Neves, Sobrinho e Joaquim Gondim, vultos que, nas lettras ou no magistério, na política ou na diplomacia, haviam de atingir as mais altas posições.

No regime republicano, Pereira da Costa teve ocasião de exercer alguns cargos de representação política. Foi membro do Conselho Municipal do Recife, entre 1889 e 1891. E foi, mais tarde, deputado estadual em Pernambuco.

Em 1908, recebeu-o o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sessão presidida pelo Barão do Rio Branco. Saudou-o, nessa ocasião, o Conde de Alfonso Celso.

Foi Pereira da Costa, em 1901, um dos fundadores da Academia Pernambucana de Letras, tendo escolhido, para seu patrono, Mário Tavares.

Era membro de várias outras associações literárias ou culturais, como a Sociedade de Gramática do Rio de Janeiro e a de Lisboa, os Institutos Históricos ou Arqueológicos de Alagoas, do Ceará, da Paraíba, da Bahia e de São Paulo.

Era filo, em traços gerais, à vida do eminente historiador de Pernambuco. A parte principal de sua biografia, entretanto, está na sucessão interminável dos seus esplendidos trabalhos.

Iniciara-se na vida literária aos 21 anos, publicando um artigo no Diário de Pernambuco, intitulado Número Sete. Esse trabalho de estreia teria chamado para o jovem jornalista a atenção dos velhos escritores pernambucanos, os quais já se haviam habituado a ver, atrás do balcão de uma das livrarias da cidade, a figura de um caleiro sempre solícito, sempre bem informado acerca dos livros que chegavam à casa, e, sobretudo, conhecedor dos vultos que chegavam à casa, e, sobretudo, conhecedor dos vultos que tratavam de causas de história nacional.

Seguem-se estudos e ensaios numerosos acerca de figuras pernambucanas, de fatos ligados à história do Leão do Norte, a toda a região do Nordeste brasileiro.

Pode de lado os trabalhos de menor envergadura, que, na bibliografia de Pereira da Costa, se contam às dezenas — relatórios, notícias históricas e biográficas, comunicações sobre vultos e acontecimentos, etc. — convirá assinalar as principais contribuições que ele deu para a evolução da cultura nacional. São estes: Dicionário Biográfico de Pernambucanos Celebres, aparecido em 1882; Folclore Pernambucano — Subsídio para a história da poesia popular em Pernambuco, aparecido em

1909; e os Anais Pernambucanos.

Quanto ao Dicionário Biográfico, constitui um repertório riquíssimo de informações acerca dos vultos principais que têm ilustrado a história política, social ou espiritual do grande Estado nordestino, e não é possível prescindir dele a quem quer que deseje conhecer a galeria dos vultos ilustres do Brasil. O Folclore Pernambucano representa um verdadeiro monumento de paciência e amor aos estudos desse gênero. Pereira da Costa recolheu, na sua terra natal, todas as manifestações de origem popular — lendas, fabulas, cantigas, contos, xacaras, parandas e brinquedos infantis. Doou, assim, aos seus contemporâneos, um elemento de estudo dos mais preciosos. Outra trabalho idênticos existem para as demais regiões do Brasil!

Parce, porém, que a mais importante das obras do escritor é aquela que ele intitulou Os Anais Pernambucanos. Trata-se de uma obra em quatro volumes, cada um deles com cerca de 800 páginas. Nesses Anais, Pereira da Costa traz a história de Pernambuco, desde a sua fundação até o ano de 1850. Infelizmente, Os Anais Pernambucanos não foram ainda editados. O escritor, que era pobre e não dispunha da boa vontade dos editores, não pôde em vida publicá-los. Os administradores pernambucanos — aos quais deveria ter cabido essa tarefa, que qualificariam cívica — não tiveram, até agora, tempo de cuidar dela... Os assuntos da pequena política regional os têm absorvido demais, mercê de Deus!

Pereira da Costa faleceu no Recife, em sua casa da rua de Paz n.º 193, no dia 21 de novembro de 1923. Algum tempo antes, na ocasião em que deixou uma escada de sua residência, rolara pelos degraus. Ficou sem sentidos, e, quando voltou a si, havia perdido a fala, que nunca mais recuperou.

BIBLIOGRAFIA DE PEREIRA DA COSTA

- Modesto monumento à memória de Demétrio Acadia de Albuquerque e Melo — Pernambuco, 1877, in-8º.
- Esboço biográfico do desembargador Joaquim Nunes Machado — Pernambuco, 1879 — 16 págs., in-8º.
- Dicionário Biográfico de Pernambucanos célebres — In-4º, de 818 págs. Recife, 1882.
- Discurso pronunciado na sessão magna do 41º aniversário do Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Litterários, em 17 de dezembro de 1882, na qualidade de orador da mesma sociedade — Recife, 1882 — 18 págs., in-8º.
- Comarcas da Província de Pernambuco — Estudos. Recife, 1884.
- Mosaico pernambucano — Coleção de exortos históricos, poesias populares, anedotas, curiosidades, lendas, antiquidades, usanças, ditos célebres, inéditos, etc., tudo relativo à Província de Pernambuco. — Pernambuco, 1884 — 263 págs., in-8º.
- Informações sobre as comarcas da Província de Pernambuco — Organizadas em virtude do aviso-circular do Exmo. Srr. conselheiro ministro da Justiça, expedido em 20 de setembro de 1883, etc. — Recife, 1884 — 90 págs., in-4º.
- Pernambuco no Ceará — O dia 25 de março de 1884. Histórico das festas celebradas por ocasião da reunião da Província do Ceará. Recife, 1884 — in-8º.
- Notícia sobre as comarcas

da Província do Piauí — Teresina, 1885 — 130 págs., in-8º.

— Relatório em que dá conta ao Exmo. Srr. Presidente da Província da comissão de que fomos encarregado, em 2 de março de 1886. Recife, 1886.

— Relatório sobre as bibliotecas dos conventos de Recife e Olinda. — Recife, 1886.

— Relatório sobre o movimento do Liceu de Artes e Ofícios no ano de 1887 — Recife, 1887.

— A Ilha de Fernando de Noronha — Pernambuco, 1888, in-8º.

— Encyclopédia Brasileira — Recife, 1889.

— Homenagem à Benemerita Sociedade dos Artistas Mecânicos e Litterários de Pernambuco, mantenedora do Liceu de Artes e Ofícios, no dia do 50º aniversário de sua instalação — Recife, 1891.

— A Idéia Abolicionista em Pernambuco — Conferência — Recife, 1892.

— Síntese dos trabalhos legislativos da Câmara dos Deputados de Pernambuco, em 1892 — Recife, 1893.

— Teatro Santa Isabel — Estudo. Recife, 1894.

— Em Prol da Integridade do Território de Pernambuco — Foi reproduzido no Diário do Congresso Nacional de 1906, e figura nos Anais do Senado Federal, do mesmo ano, por ocasião de discutir-se o projeto, que ficou encalhado no Senado, Dr. João Barbalho, mandando restituir a Pernambuco o território da antiga Comarca de S. Francisco, provisoriamente, até agora, ligado à Bahia.

— Seleta Pernambucana — Livro escolar. Recife, 1897.

— Notícia histórica e topográfica da povoação do Poço da Panela, Recife, 1897.

— Memória sobre o edifício em que funciona o Juri, da Capital do Estado. — Pernambuco, 1898.

— Quarto Centenário do Descobrimento de Pernambuco, em 26 de janeiro de 1900. Recife, 1900.

— Carta de Fero Vaz Caminha, dirigida a el-rei D. Manuel — de Porto Seguro, dando conta do descobrimento do Brasil. Pernambuco, 1900.

— Notícia histórica sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Boa Vista.

— A Verdadeira Naturalidade de D. Antônio Felipe Camarão — Recife, 1904.

— Conferência Acuareira do Recife, em 1905. Recife, 1905.

— Notícia Biográfica do Dr. Antônio de Móres e Silva, autor do primeiro dicionário de língua portuguesa. Recife, 1906.

— Folclore pernambucano — Subsídio para a história da poesia popular em Pernambuco. Recife, 1909.

— A naturalidade de Camarão — Última verba — Recife, 1909.

— Anais de Pernambuco — Publicação feita no Jornal do Recife, em 1909.

— Efemérides do Piauí — Recife, 1910.

— Folclore Pernambucano — Separata da "Revista do Instituto Histórico". Rio de Janeiro.

— Napoleão I no Brasil — Ata-tes, ane I — N.º 11.

— Frei Caneca — Revista Americana — Ano VII — N.º 8.

— Vocabulário Pernambucano — Recife — 1937.

— A publicação desta obra foi iniciada na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em 1916. Trazia o trabalho o título de Apontamentos para um Vocabulário Pernambucano. Apareceram até a lebra B. Morre o autor, a família ofereceu seu manuscrito inédito, que abran-

ANNABEL LEE

EDGAR POE

(Tradução de Fernando Pessoa)

POI HA MUITOS E MUITOS ANOS JA.

NUM REINO DE AO PE DO MAR...

COMO SABEIS TODOS, VIVIA LA

AQUELA QUE EU SOUBE AMAR.

E VIVIA SEM OUTRO PENSAMENTO

QUE AMAR-ME E EU A ADORAR.

EU ERA CRIANÇA E ELA ERA CRIANÇA.

NESTE REINO AO PE DO MAR;

MAS O NOSSO AMOR ERA DO QUE AMOR

O MEU E O DELA A AMAR;

UM AMOR QUE OS ANJOS DO CÉU VIERAM

A AMOS NOS INVEJAR.

E FOI ESTA A RAZAO POR QUE, HA MUITOS ANOS,

NESTE REINO AO PE DO MAR,

UM VENTO SAIU DUMA NUVEM, GELANDO

A LINDA QUE EU SOUBE AMAR;

E O SEU PARENTE FIDALGO VEIO

DE LONGE A ME A TIRAR,

PARA A FECHAR NUM SEPULCRO

NESTE REINO AO PE DO MAR.

E OS ANJOS, MENOS FELIZES NO CÉU,

ALINDA A NOS INVEJAR...

SIM, FOI ESSA A RAZAO (COMO SABEM TODOS

NESTE REINO AO PE DO MAR)

QUE O VENTO SAIU DA NUVEM DE NOTTE

GELANDO E MATANDO A QUE EU SOUBE AMAR.

MAS O NOSSO AMOR ERA MAIS DO QUE O AMOR

DE MUITOS MAIS VELHOS A AMAR.

DE MUITOS DE MAIS A MEDITAR

E NEM OS ANJOS DO CÉU LÁ EM CIMA.

NEM DEMÔNIOS DEBAIXO DO MAR

PODERÃO SEPARAR A MINHA ALMA DA ALMA

DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR.

PORQUE OS LUARES TRISTONHOS SO ME TRAZEM

ISONHOS

DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR;

E AS ESTRELAS NOS ARES SO ME LEMBRAM OLHARES

DA LINDA QUE QUE EU SOUBE AMAR;

E ASSIM 'STOU DEITADO TODA A NOTTE AO LADO

DO MEU ANJO, MEU ANJO, MEU SONHO E MEU FADO.

NO SEPULCRO AO PE DO MAR,

AO PE DO MURMURIO DO MAR.

AS REVISTAS DOS "NOVOS"

Pode-se agora dizer que o

movimento das revistas dos

"novos" é uma realidade.

Titubeante a princípio, na

sua inexperiência, adquiriu

logo a segurança das causas

que perduram. E assim ve- mos, em todo o Brasil, o flo- rescer de uma nova fase li- terária que, desprezando as

diferenças entre provin- cias e metrópole, confirma

a tese da necessária uni- dade na Literatura.

Outro fato importante a

considerar é que vários des-

ses núcleos de cultura já

posuem suas editoras pró-

prias, apresentando ob- ras

em prosa e verso dos seus

principais e colaboradores.

Servem como exemplo as

revistas Clá e Joaquim.

sin todo o alfabeto, no In- stituto Arqueológico. Este o

editou em sua Revista (vol.

XXXIV) e a deu, depois, em

separata. E' um volume de

750 págs., e saiu na Impren-

sa Oficial de Recife.

— Origens históricas da Indus-

tria acuareira em Pernambuco — Brasil Acuareiro,

Vols. XV e XVI.

Este trabalho foi pela pri-

meira vez publicado nos

"Anais da Conferência A-

cuareira", reunida no Recife

em 1905.

— Anais Pernambucanos. Esta

, talvez, a mais vasta e a

mais importante das obras

do historiador. Mas encon-

tra-se inédita.

Homem pobre, como era, Pe-

reira da Costa nunca pôde

dar execução ao seu grande

sonho, que seria editar os

volumes dos seus méritos

Anais. Por sua morte, pa-

ram os originais a perten-

cer ao Instituto de Pernambuco.

E ainda se acha, hoje,

depositados na biblioteca pú-

lica do Estado.

Faziam os manuscritos dos

Anais Pernambucanos uma

colossal ruma de papel.

Correspondem a sete volumes de

sus quinhentas páginas ca-

da um, num total, mais de

3.500 páginas. Nelas está res-

uscitado todo o passado do

Leão do Norte, desde as épocas

do Duarte Coimbra até o

ano 1850, que foi o que Pe-

reira da Costa tomou como

termo final de suas pesqui-